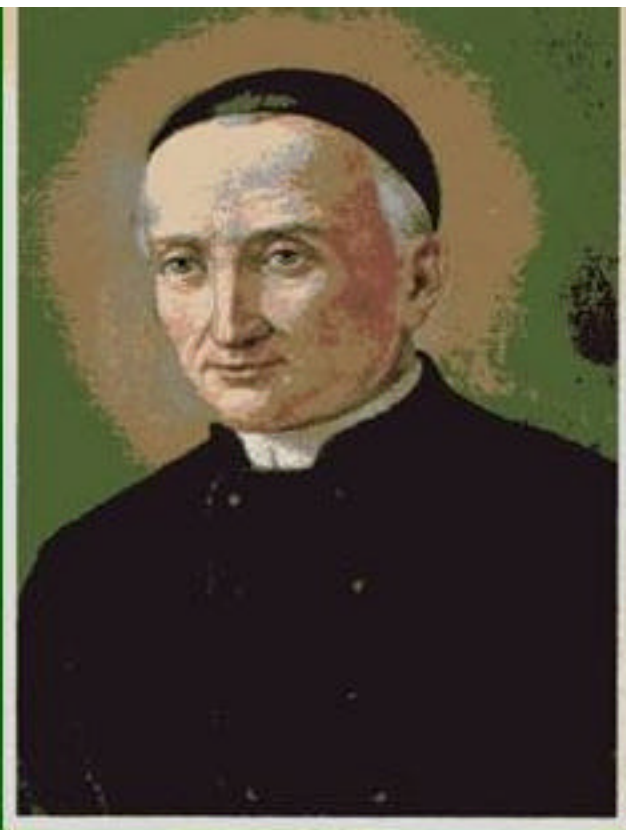


emilio radius



**gaspar
bertoni**

Emilio Radius

GASPAR BERTONI

O texto original em Italiano foi impresso
no dia vinte de setembro de 1975
em Verona, Itália.

Tradução para a Língua Portuguesa:
Pe. Felisberto Campagner, CSS - 1975

Revisão e Edição Eletrônica:
Pe. José Luiz Nemes, CSS - 2006

POSTULAÇÃO GERAL DOS ESTIGMATINOS

EMILIO RADIUS

É jornalista. Trabalhou em diversos jornais, quotidianos e periódicos. Foi diretor de "Oggi". Publicou mais de 50 livros, entre os quais "Vita di Maria", "Vita di Cristo per gli uomini d'oggi", "Il Vangelo della donna", Vita di Santa Caterina di Siena", "Giuseppe sposo di Maria".

Milão, 29 de outubro de 1975.

Reverendíssimo Provincial
Padre José Luís Nagalli,

Pe. Albino pediu-me para autorizar a tradução da breve vida do Bem-aventurado Gaspar Bertoni em língua portuguesa, com adaptações que ajudem uma divulgação maior no Brasil. Com muita satisfação dou meu consentimento e fico muito feliz pelo fato de que esta obra seja traduzida na língua do "grande" Brasil.

Junto com os mais efusivos sentimentos de estima, meus votos de bom êxito.
Saudações,



Emilio Radius
Emilio Radius

na capa

FOTO DE BERTONI

de Alberto Pancheri

INDICE

Minha paróquia	05
O menino Gaspar torna -se jovem maduro	06
A primeira pedra	08
Ele o seguia	10
Doente intrépido	11
Os Estigmas	13
Os discípulos de Santo Afonso	15
Enfermiço	17
As duas faces de Verona	19
O confessor da Imperatriz	21
Pão e palavras	23
Mar de ocupações	25
Serenidade de espírito	27
Bertoni e Rosmini	28
Se estivesse entre nós	30
Todos vão ter com um padre simples	32
Ficará sozinho?	34
Na escola do sofrimento	36
Imaculada Conceição	38
A morte	40

Minha paróquia

A Igreja de minha paróquia, em Milão, situada na rua Sidoli, está quase diante de minha casa. É dirigida pelos Estigmatinos. A Congregação dos Estigmatinos foi fundada por Padre Gaspar Bertoni.

Pe. Gaspar Bertoni, declarado bem-aventurado já há algum tempo, é tido como santo para os fiéis mais simples de minha paróquia, dedicada à Santa Cruz como recordação da liberdade dada aos cristãos no tempo do imperador Constantino. Exagero agradável, explicável e perdoável. A devoção do povo a Padre Gaspar Bertoni é intensa em diferentes localidades, principalmente na área periférica da cidade chamada “Acquabella”. Ele foi sacerdote exemplar, levando vida operosa e marcada pela honestidade. E sem fatos legendários, geralmente criados pelas atividades pastorais em meio a gente humilde.

Sua Congregação não é das mais famosas, nem seu nome, em geral, é muito conhecido. É composta de sacerdotes dedicados e irmãos coadjutores, acessíveis às inovações admissíveis, não apegados a tradições discutíveis, trabalhadores e de atitudes leais.

Na Igreja de Santa Cruz, à direita da entrada, existe, atualmente, no que parece mais corredor do que nave, um retrato grande de Padre Bertoni com um genuflexório em frente. E fiéis em oração. É proveitoso ter lido muitas vidas de santos. É importante habituar-se a leitura das biografias de homens de Deus, que não tenham atraído a acorrida de multidões, e acostumar-se a apreciar o perfume das palavras claras e dos fatos que as sustentem.

A obra de Padre Bertoni aparece a olhos vistos: conventos ou casas religiosas, paróquias, escolas, seminários, missões. Tudo isto, sem discursos grandiloqüentes (a seu modo, porém, ele era um orador eficaz), sem escritos de grande aparato (a seu modo, porém, ele era um verdadeiro literato), sem prodígios que fizessem repentinamente surgir santuários.

É importante acrescentar que Pe. Bertoni, nascido e crescido em tempo muito diferente do nosso, é exemplo e modelo de formação religiosa tridentina. Nós não consideramos o Concílio de Trento uma contra reforma, e sim uma modo de reforma católica. Grande parte do mundo leigo era, na época, hostil à Igreja, de modo que os que apreciam o atual modelo pastoral e litúrgico da religião católica, e desconhecem por reação, quiçá sem razões, a antiga forma, podem ser levados a desconfiar de Padre Gaspar Bertoni, por ter sido pessoa muito absorvida pela piedade, dócil aos superiores, pouco inclinada a discussões teológicas.

Disponhamo-nos, portanto, a ler uma breve exposição, que não se presta às hodiernas mesa-redondas, não compreende elementos neo-românticos nem vetero-românticos, que considera somente a fidelidade à vocação e ao amor para com todos, independentemente de querer saber quem é o próximo, se é suficientemente importante, se, e até que ponto lhe caiba a denominação de povo de Deus.

Alto valor tem o povo de Deus, o corpo místico da Igreja, desde que não seja considerado com espírito de polêmica e divergências.

Na verdade, são valores: a tolerância, a paciência, a concórdia, a paz. Nem todas as formas antigas deterioram-se como algo a ser abandonado. Existem aquelas que são respeitáveis, conserváveis, até mesmo veneráveis.

Gaspar Bertoni nasceu no dia 9 de outubro de 1777, em Verona, na Itália, tendo por pai Francisco Luís, tabelião fora de exercício, e por mãe Brunora Ravelli, filha de um outro tabelião. Gente abastada, proprietária de bens, sensatos alguns, outros não, como o pai do pequeno Gaspar.

A mãe era educadora prestimosa, a quem Gaspar, com certeza, foi devedor dos primeiros princípios religiosos. Por isso, ele mostrou-lhe sempre gratidão e grande afeição. Dizia-se que ele fazia coleção de estampas de santos e construía pequenos altares. Aliás, o que vai encontrar quem lê o Diário Espiritual do Papa João XXIII? Orações e invocações consagradas pelo uso, jaculatórias, práticas edificantes mesmo que brevíssimas.

Na época devida, Gaspar foi mandado para a escola de uma professora primária. Mostrou-se pouco semelhante aos alunos atuais. Ele era o mais disciplinado, o mais obediente, angélico no entender da professora. Estamos detendo-nos em minúcias? Evitemos, entretanto, a precipitação de menosprezá-las por serem tais.

Aos oito anos Gaspar foi matriculado na escola municipal de São Sebastião, que já tinha pertencido aos Jesuítas e na qual os conhecimentos humanos eram ensinados, ainda permeados de fé.

Essa escola era admirada por todos, sem restrições. São Luís Gonzaga era o santo ali apresentado para imitação. Atualmente, o santo mais impopular, em razão de seu amor à pureza, verdadeiramente angélico. Quanto a Nossa Senhora, ela era a padroeira que estendia seu manto sobre a escola.

Não podemos esquecer que o pequeno Gaspar escondia pedregulhos, pedaços de madeira e estilhaços de ferro sob os lençóis. Ao oferecer a Deus este tipo de penitência, estava longe de imaginar que um dia o próprio Deus lhe dobraria o desejo. Os caminhos do Senhor são incalculáveis. Um deles é ou foi este, o que não pode ser chamado de confortável.

Vivia-se no século 18. Na atmosfera respirava-se o iluminismo. Os direitos humanos, aliás, justos em grande parte, e o cuidado para com o corpo humano criado por Deus, ainda não eram conhecidos, ao menos em Verona. O corpo, frente à alma, era uma armadilha, uma tentação, um inimigo. Quantos cristãos não se tornaram santos a poder de flagelações e de jejuns?

Passou-se, às vezes, de um extremo a outro.

A empregada não devia arrumar a cama do menino, para não descobrir os objetos de penitência.

O menino Gaspar torna-se um jovem maduro

Sua primeira comunhão foi exemplar. Uma primeira comunhão que, mesmo inconscientemente, atrai a atenção dos vizinhos de banco e de altar. Em seguida, entrou para a Congregação Mariana, modelo de espiritualidade, hoje impensável, ao menos no que toca ao aspecto exterior. Não queremos afirmar que todos os congregados, meninos e rapazes, sejam imunes de hipocrisia e de vaidade na devoção. Nunca se deve enaltecer o passado com a intenção de atacar o tempo presente. Quando, porém, um garoto era devoto de Maria Santíssima, era-o não só internamente, mas também na aparência. Veja-se a história das Filhas de Maria. Atualmente, pouquíssimas; em processo de extinção. Por muito tempo, as Filhas de Maria (lembradas com ironia em certos romances) foram, no campo e na cidade, sím-

bolos de virgens que evocavam as antigas, aquelas que amavam realmente o Evangelho e tinham as lâmpadas sempre acesas.

Gaspar foi um filho de Maria, com mãe na terra e mãe no céu.

No ano escolar de 1792-93, perto dos quinze anos, o filho do tabelião amador começou a estudar ciências e filosofia, além da literatura. A filosofia era tomista, rainha do pensamento. As ciências, na época, não eram tidas como estranhas ao sopro do Espírito Santo.

Na literatura, seu verdadeiro mestre era o ilustre Padre Cesari, purista, sem afinidade com Manzoni, mas apreciador dele. Creio que não possuímos um retrato moderno do Padre Cesari. É uma pena, porque se trata de uma personalidade dificilmente definível em poucas palavras. Era, realmente, um excelente professor, um homem de caráter singular, mesmo se não moderno nem mesmo para os tempos que corriam.

Outros professores de Gaspar foram: Padre Fortis, Padre Avesani e Padre Antonio Zamboni.

Entre parêntesis, Gaspar Bertoni, apesar de não ser um primor de eloqüência sacra, devia distinguir-se por um completo conhecimento dos mais importantes textos da religião, pelo copioso uso das citações, pela ortodoxia esclarecida. A coletânea de suas homilias e dos seus escritos comprova cabalmente seu grande apreço pelos livros divinos e pela interpretação cautelosa, diligente. O conteúdo de tais homilias e de tais escritos é freqüentemente tenebroso, porque ele desenvolve, amiúde, temas sobre a morte, o juízo particular, o juízo universal. O tom da esperança, porém, jamais está ausente. Ele era pessoa possuidora de idéias fortes e admiráveis, fundamentada na perene visão de Cristo Salvador, que, inexorável com os maus e obstinados, leva em conta o menor sinal de arrependimento e conversão.

O estilo de Padre Bertoni nunca é polido, limado. Tem algo de rude. É estilo magistral no mais amplo sentido da palavra, não raramente salutar.

Os bons sacerdotes eram assim. Não ocultavam as verdades doídas e duras. Expunham com serena evidência as verdades consoladoras, elogiavam a misericórdia de Deus e o temor a Ele. Tinham os seus defeitos. Quem não os teve, não os tem, não os terá?

Parece-nos poder acrescentar que, diversamente de tantos sacerdotes de hoje, possuíam a virtude da segurança no ministério, da personalidade eclesiástica (ou eclesial), do uso convicto da batina preta. Virtude que comporta perigos, mas, de outro lado, tem suas vantagens.

De longe se percebia o padre. Isto, com desprazer dos incrédulos e com agrado dos fiéis.

Quais os estudos teológicos de Gaspar? Os regulamentares, com aplicação especial. Orientava-o Padre Lázaro Righi, muito claro, mas sem subtilezas. Doutrina sólida, com as palavras necessárias, evitando as supérfluas. Aprender não para ostentar conhecimentos profundos, mas somente visando ao bem, à maior glória de Deus. Gaspar era um digno discípulo.

Seminário. Recebimento da veste eclesiástica (dezembro de 1796), ordens menores, subdiaconato, diaconato, sacerdócio: tudo conforme as normas jurídicas.

Na família estão os dissabores. Separação "*amigável*" entre pai e mãe, por culpa ou, certamente, por leviandade do pai. Nesse tempo Bonaparte passa o Grande São Bernardo, atravessa o Vale de Aosta, e, logo chega ao Ticino. Rapida-

mente alcança Milão, onde funda a república. A vizinha região vêneta, Verona, conserva suas vetustas instituições, não decadentes como em Veneza, salvando-as em parte.

Um descalabro de que chegamos a ter uma idéia por ter passado também por tantos sofrimentos. No mundo leigo muitos aplaudiam o vencedor; o mundo eclesiástico entrou em convulsão, com perturbações profundas. Parece impossível que a tremenda e sedutora revolução francesa tenha-se transferido para a Itália a ponto de ameaçar a fé, as idéias, as instituições, os usos e costumes. O povo se apinhava frente aos altares, cantando os salmos de Davi: O Senhor nos livre de todos os inimigos, o Senhor salve o seu povo. O estupor foi grande, principalmente em Verona, até então uma ilha de paz num país em relativa subversão.

Que acontecerá?

Poderão os sacerdotes continuar a desenvolver a sua missão, os fiéis agregar-se a eles na prece, e o povo freqüentar as igrejas, os oratórios, as escolas católicas? Benzer-se diante das pequeninas capelas à beira das estradas?

Entre os partidários dos franceses invasores havia os que chamaríamos de moderados e reformistas, dispostos a pactuar com os adversários. Havia também os extremistas e violentos, blasfemadores, sem respeitar ninguém. Prontos, sobretudo, a atribuir à Igreja o que de errado e de mal acontecera nos séculos anteriores.

A primeira pedra

A expressão de Padre Gaspar é contundente. Ao povo reunido na igreja diz: "*Deus? Vós o vereis descido do céu sobre este altar. Eu vo-lo mostrarei com minhas mãos*".

Vai direto ao coração. É espontâneo no apelo à emoção. Sem retórica, sem eloquência. É um sacerdote que, realmente, se dirige aos fiéis como pai. Assim era Gaspar Bertoni já no início de seu ministério sacerdotal.

Ninguém pergunta se, por acaso, esse tipo de padre é teólogo famoso, ou o que pensa a respeito das modernas inovações religiosas. Quando ele celebra, o povo vai à igreja com muita disposição, a ele ouve atentamente e sente em suas palavras o eco das palavras de Cristo.

Existiram tais padres. Existem. Existirão. Digo isso porque vem a tentação de julgá-los antiquados, quase fora do verdadeiro ministério sacerdotal. Pouco úteis.

Não é questão de atualização. Trata-se de almas, simplesmente.

Aliás, Padre Bertoni, sob mais de um aspeto, previa, com seu espírito e com suas obras, que nossos dias seriam também polêmicos, cheios de controvérsias mais ou menos originais. Realmente tal foi o desenvolvimento das obras eclesiásticas do fim do século dezenove e da primeira metade do século vinte com os grupos católicos que deviam reunir-se na Ação Católica, com os progressos do ensino, com uma completa organização escolar, com uma idéia das missões mais ampla e mais prática.

Ele vivia convictamente o modo de celebrar a missa, segundo a liturgia de seu tempo, e profundamente levava os outros a vivê-la. Procedia da mesma forma com relação às demais cerimônias. Na época não era nada mais do que um jovem padre, recém-ordenado; todavia, os sacerdotes mais antigos e experientes, observando-o, admiravam-se de seu empenho, de seu zelo, de sua inspiração.

Ele continuava a estudar, especialmente a obra de Santo Tomás e dos Santos Padres. Incluía os defensores da fé para não se deixar sobrepujar pelos janse-nistas a pelos que sustentavam doutrinas extravagantes ou não ortodoxas.

Certos progressos deixavam-no indiferente, como a subida de um aeróstato, a primeira em Verona, perto de sua casa. Ao invés de ir assistir, ele retirou-se para orar pela segurança física e salvação moral do audaz explorador dos ares.

Pregava com ardor. A princípio com textos escritos, mais tarde com um breve esquema. Entre outros assuntos, com certa freqüência, falava contra a moda imo-desta. Que diria ele hoje da moda, do seminu, do nudismo? Calar-se-ia, como hoje se faz? Somente esboçaria uma reação? Podemos censurá-lo, em sã consciência, porque ele se exprimia com horror diante de um mundo pagão e de suas licenciosidades? Porque não confundia a luxúria, já a caminho do triunfo, com os necessários cuidados que se devem dedicar ao corpo? Reflitamos, antes de criticá-lo.

Tocamos agora em um tema espinhoso. Sua devoção era fundamentalmente inaciana, de Santo Inácio de Loiola; para dizer a verdade, aquela de todos os estig-matinos, tão distantes dos desvios do casuísmo, enquanto desvios.

Os seus exercícios espirituais preferidos eram, com efeito, os exercícios de Santo Inácio. Na mesma linha, há outras modalidades de exercícios espirituais, ten-do como centro a vida e a paixão de Cristo. São impopulares somente entre aqueles que não meditaram nunca sobre os mistérios evangélicos, os quais, se bem enten-didos, bem feitos, realizados conscientemente, são fonte de verdadeiras e claras consolações, amplas e sérias, levando à abertura de um horizonte resplandecente. Os exercícios espirituais de Santo Inácio, além disso, estão ligados fortemente à confissão. Consistem, sobretudo, em exames de consciência, corroborados por uma intensa reflexão sobre os fatos do Novo Testamento. Em se tratando de confissão, Padre Gaspar deu logo prova de capacidade. Uma das suas primeiras penitentes foi a própria mãe.

A primeira obra de Padre Gaspar foi o Oratório Mariano. Meninos, rapazes, adolescentes, depois também pessoas adultas. O ambiente que o rodeava não era favorável, pois a intranqüila Verona de então era molestada por jovens de maus cos-tumes, ensoberbecidos pelas idéias francesas, que eram alardeadas onde houvesse um sinal de liberdade. Para entrar no Oratório de Padre Gaspar, corria-se o risco de enfrentar vaias, caçoadas, insultos, ameaças. Não estavam excluídas as persegui-ções. Para freqüentar aquele lugar de piedade era necessária, realmente, a forte atração que exercia o "anacrônico" padre jovem. Anacrônico, porque não faltavam nem sacerdotes nem prelados patrióticos à maneira francesa.

Por outra parte, não reverenciar o gênio de Bonaparte parecia coisa fora de moda. Certamente fora do produtivo mundo moderno.

Padre Gaspar conseguiu para seu oratório a concessão da igreja das Tercei-ras Mínimas de São Francisco de Paula. Assim o Oratório pôde atingir 400 mem-bros, que para a complexidade do tempo não era pouco; antes, constituíam número considerável. Na época, sacerdotes e leigos ajudavam Bertoni, líder dotado de muita iniciativa e modéstia. Era um hábil tecedor da fé, batalhador como o operário incan-sável.

Bom como o pão, Padre Bertoni sabia ser severo e, se necessário, repreen-der, punir. Sabia organizar tudo de forma que no Oratório houvesse diversões no devido tempo. Sem dúvida, o Oratório era também local de recreação.

Ele o seguia

Talvez, por uma involuntária adaptação aos tempos, o Oratório Mariano de Padre Gaspar foi denominado Coorte Mariana. Usavam-se também outros termos militares.

Oficiais superiores, centuriões, divisões, etc.

A nova ou renovada organização teve êxito e, assim, em Verona e na província surgiram diversos Oratórios Marianos, instrumentos de união em defesa da fé, diminuindo o alistamento dos jovens nas florescentes organizações anti-clericais. Sem dar na vista, o que sempre evitava, Padre Bertoni era um expoente da tutela da Igreja; não raramente mais eficiente do que os bispos, os quais, aliás, eram muito visados e perseguidos, quando não se dobravam à vontade do invasor,

Também aqui desponta a importância de Padre Bertoni. Ele levava a missão até as pessoas do campo, que estavam mais desorientadas do que as das cidades.

Era um reacionário? Não se deve usar tal palavra a seu respeito. Era difícil descobrir nos revolucionários, geralmente estrangeiros, os ideais de justiça e de civilização que, na verdade, tinham sido o primeiro motivo, mais filosófico do que religioso, da ação deles, e que persistiam sob formas criadoras de confusão. Devia passar muito tempo até que se tornassem claros.

As congregações marianas (não os Oratórios) foram supressas pelas autoridades políticas, em razão de serem consideradas associações perigosas, contrárias ao Estado: mentalidade da época.

Padre Bertoni, que vivia com seus parentes, tinha motivos de sofrimento em relação à família. Morreu seu tio Antônio Maria, morreu sua tia Paula; depois a querida mãe. Da riqueza e do conforto havia passado a uma pobreza real. O relacionamento de Padre Gaspar com o pai deteriorava-se cada vez mais, não obstante sua condescendência, e não fraqueza. Ele acabou por abandonar completamente a casa paterna e estabelecer-se na paróquia dos Santos Firmo e Rústico. A morte do pai concluiu um período no qual foram raras as alegrias familiares e, muitos, os desgostos. Em suma, à parte as virtudes e o afeto da mãe, Padre Gaspar quase nunca teve tranqüilidade no âmbito familiar: fustigado por pendengas mesquinhas, por complicadas questões de dinheiro e de bens; oprimido por vicissitudes judiciárias, que teria evitado, de muito bom grado. Em geral a família foi para ele uma fonte de amarguras e não de estímulo. Tinha, porém, o espírito de santo: paciente, imparcial, cheio de abnegação.

As condições de sua família o incentivaram a formar uma outra, maior, com fisionomia espiritual, à qual dedicou sua vida. Com preocupações e graves contrariedades, mas com maior fruto. O primeiro núcleo foi o Oratório Mariano; ou melhor, o conjunto dos Oratórios Marianos. Mãe de todos era a Virgem Maria, óleo sobre o mar borrascoso, estrela sempre visível, permanente ponto de referência. Que consolo numa ave-maria, como sabem bem os cristãos e, igualmente, os não cristãos; é absolutamente impossível que um ocidental não só tenha jamais dirigido, por um instante sequer, a Nossa Senhora, e um oriental, a um Ser que fosse semelhante a ela.

Sempre mais apreciado pelos superiores dignos deste nome, Padre Gaspar foi padre espiritual de uma casa de santas mulheres, teólogo definidor, mestre do clero. Ensinava a teologia de Santo Tomás, oceano de sabedoria; e, não sem oposi-

ções a teologia moral de Santo Afonso Maria de Ligório, antipática aos não crentes, quase abandonada pelos crentes, acusada de casuísmo pernicioso; em suma a "o-velha negra" do século. Aqui deveríamos falar um pouco da teologia moral de Santo Afonso de Ligório, que havia sido o vademecum dos confessores; clara, analítica, sutil, substancialmente proba e iluminada pelo amor de Deus; estas características substituíam seus eventuais defeitos.

São observações fora de moda; mas seriam proveitosas, ainda que não se aceitassem integralmente os princípios apregoados.

Foi particularmente notável a atuação de Padre Gaspar no seminário, onde demonstrou sua doutrina já comprovada, sua inata competência em ensinar, suas zelosas atividades, o calor de sua palavra, seu gosto acentuado pela penitencia. "*Pensai seriamente em vós*" - dizia - "*vós que não teríeis coragem de tocar num pequeno cilício, num instrumento de disciplina corpora!*".

Suscitava reações negativas, geralmente passageiras. Ninguém podia negar-lhe a perfeita boa fé ao querer que o seminário não fosse uma escola qualquer, mas que tivesse um pouco mais de oração e a missa diária; que fosse uma digna sementeira de sacerdotes; que ali se vivesse a preparação ao ministério sacerdotal, como no céu mais do que na terra. Ele dava o exemplo; e inutilmente os maldosos procuravam nele uma brecha profana. Padre Bertoni não dava absolutamente motivo para qualquer tipo de hipocrisia e de mundanismo secreto ou astuto amor à fama terrena.

Ao ensinar no seminário, ele se preparava para fundar, na pobreza e no silêncio, uma congregação que contribuísse, com as outras (nem todas permaneceram íntegras) a conduzir a barca de Pedro por águas menos tempestuosas.

Tal intenção já estava clara nele? Não completamente, ao que parece. Jesus Cristo lhe havia dito "*segue-me*" e ele o seguia.

Doente intrépido

Depois dos trinta anos, Padre Gaspar passou por diversas enfermidades, ou, ao menos, recaiu mais de uma vez, naquela que lhe causou sofrimentos atrozes. O apóstolo sentia os efeitos das intensas preocupações que lhe proporcionavam seus Oratórios e outras comunidades religiosas. Percebia-se a sua falta; ele, humilde servo de Deus, negava que ela fosse perceptível: tornou-se servo inútil. Tinha confiança em seus substitutos; recomendava que se lhes obedecessem, e punha-se nas mãos de Deus.

Muitos santos foram o avesso da robustez ou simplesmente da saúde. Trabalhavam heroicamente sofrendo não de vez em quando, mas sempre, pode-se dizer, com breves tréguas.

Exemplo insigne, entre os tantos, foi Santa Catarina de Sena. Parecia que se erguesse contra os inimigos da Igreja, e erguia-se de fato; entretanto dentro de si estava estraçalhada. Quem diria que sofresse terrivelmente quando montava a cavalo para acorrer onde podia realizar o bem?

Era linda, brilhavam-lhe os olhos, sua palavra era poderosa. Mas sofria.

O mesmo sucedia com Pe. Gaspar, em sua humildade, quando trabalhava manualmente. São os recursos do Espírito Santo; e uma centelha do Espírito Santo pousava nele.

A esta energia extraordinária chamamos de força de vontade. Sozinha, certamente, não é suficiente.

Em seu ministério na paróquia de São Firmo Maior, Padre Gaspar lançou as bases de um Oratório aperfeiçoado, de particular eficiência. Entrementes, entregava-se a obras de misericórdia, perfeitamente evangélicas: amiúde visitava os encarcerados. Numa prisão converteu um sacerdote, desesperado, condenado por terrível delito. De nada valiam as exortações do capelão. Mas quando o infeliz viu Padre Gaspar, sentiu-se tocado no empedernido coração, vencido pela graça; acolheu-o com visível esperança, ergueu os abraços e exclamou: "*Eis aquele que me reintegra na graça de Deus*".

Condenado à morte, passou com incrível serenidade as suas últimas horas. Padre Gaspar não se orgulhava, certamente, por fatos desse teor. Atribuía-os a Deus. Não queria que se falasse dos seus méritos. Que méritos ele podia ter? Um padre como os outros, nem mesmo dos melhores; não se julgava digno de vestir batina; era tímido no altar; além do mais, freqüentemente enfermo!

Em seu "*Memorial*", redigido durante alguns anos, escreveu que uma vez, ao preparar-se para celebrar a missa, tinha sido dominado pela sonolência. Ouviu uma voz que vinha do crucifixo: "*Olha este meu coração*". Foi tomado por um ímpeto de amor místico, que transformou seu coração em chama ardente. A partir de então celebrava missa como se estivesse no paraíso, nutrindo profunda adoração para com o Sagrado Coração de Jesus.

Segredos do coração. O povo dizia: "*É um bom padre; é o quanto basta*".

Quando pensamos "*Já não há santos*", ignoramos que os santos passam ao nosso lado e nós não os reconhecemos. A propósito das graças, lemos no "*Memorial*" de padre Gaspar:

"*O que custa a Maria pedir? O que custa a Jesus conceder-nos qualquer graça? É preciso purificar inteiramente nosso espírito*".

Simples e perfeito.

Por acaso, Padre Gaspar Bertoni fundou sua Congregação porque fosse ambicioso?

Ou porque não tivesse bastante confiança em outras congregações, nas grandes Ordens? Pelo contrario. Era seu desejo colocar-se na mais avançada e perigosa vanguarda, assumir pessoalmente, arcar com graves responsabilidades.

Uma Congregação nasce, às vezes, espontaneamente, entre amigos piedosos, entre pessoas que sentem a necessidade de adorar a Deus conjuntamente; entre grupos que, conhecendo as necessidades de uma determinada região, sentem-se movidos a agir em benefício dela.

Outras vezes nasce já adulta, sem o perceber.

O amadurecimento da idéia da nova Congregação em Padre Bertoni poderia ser demonstrado com documentos, se nosso intuito não fosse somente resumir, e resumir sumariamente. Não redigimos uma biografia, ou uma vida, mas um perfil. De qualquer maneira, documentação não falta; é abundante, comprovada; constitui um acervo abundante. Os Estigmatinos dispõem de bibliografias completas. O esquema básico era aquele da Companhia de Jesus; mas de uma Companhia de Jesus quase desconhecida, uma espécie de ordem mendicante, escondida, sem sucessos, com casas que eram casebres, carentes de atrativos, sem a tentação do orgulho corporativo (como aconteceu mais tarde, certamente não por obra dos seus

melhores membros, mas em seus santos). A Congregação não devia chegar jamais a ser importante e poderosa. E sim, uma volta às origens, sem tornar-se renomada.

Com efeito, Padre Gaspar não conhecia Jesuítas de grande fama e sim padres desconhecidos, de batina puída, com o breviário desgastado. Inspirou-se nestes, não em alguns outros.

Devagar, não impensadamente, procurando o bem onde ele estava, não o mal onde havia e não havia.

Convém lembrar que ele era um daqueles veroneses que se conservaram íntegros, afastados do luxo e dos divertimentos; os luxuriosos não faltavam na Verona imitadora de Veneza. A região tinha suas qualidades e seus defeitos: se não completamente, ao menos em parte, fé menos diluída do que a das grandes cidades; mostrava humildade profunda e candura como a densa camada de neve.

Além disso, Verona, região de fronteira, atacada pela heresia, tinha criado uma barreira contras as forças da subversão moral pela prática dos bons costumes, com seu lindo céu, com o correr jordanico de seu rio, com a bonomia natural e, até mesmo, com uma argúcia, dificilmente exaurível.

Os Estigmas

Na área da paróquia da Santíssima Trindade está situado "Os Estigmas", um conjunto de igreja, casa e dependências, propriedades de Padre Nicola Galvani, que as ofereceu a Padre Bertoni para ser a primeira sede de sua Congregação. Confessor da Bem-aventurada Madalena de Canossa, Galvani era padre virtuoso e experiente em obras de educação religiosa,

Padre Gaspar se instalou nos Estigmas como pôde, juntamente com seus discípulos e companheiros. Criou uma escola, um Oratório, um lugar de recolhimento, um ambiente de paz, apesar das precariedades. Já foi dito que sua vida pode parecer monótona, com uma religiosidade de cores acinzentadas. Mas quem está em condições de julgá-la desta forma? Só quem ignora o que seja a verdadeira vida religiosa. Ou seja, aqueles, que após assistir missa, balbuciam apressadamente algumas preces e empregam o restante do dia à atividade profana, lembrando-se de Deus apenas nos momentos de infelicidade.

É necessário espelhar-se na vida dos santos, na qual há luz, santo júbilo, verdade e riqueza de sentimentos; e, nos momentos de felicidade, a verdadeira alegria. Tornam-se, então, obras agradáveis ensinar, entreter-se com os jovens e os adultos de boa vontade, sentir-se participante da Igreja viva de Deus, orar, elevar a alma acima de todos interesses vis do mundo.

Pouco a pouco, devemos aprender a conhecer a verdadeira face de Padre Gaspar, um homem, que, apesar das suas falhas humanas, tinha algo de angélico. Todos os que dele se aproximavam, notavam a beleza de sua alma, ao invés de analisar seu aspeto exterior, que, aliás, era, também, de boa aparência. Restaurou a igreja e abriu-a ao culto. Ali celebrou também Antônio Cesari.

A pequena comunidade tinha perdido alguns elementos, por abandono ou por morte. Mas, acolhia outros.

Construiu-se, depois, um convento, ou melhor, um pequeno convento. Com que dinheiro? As ofertas teriam sido muitas se Padre Gaspar aceitasse heranças,

legados, dinheiro que lhe queriam fornecer. Inicialmente rico, depois pobre, optara pela pobreza franciscana.

Recusava sempre as doações. Na construção do convento trabalhavam todos os seus companheiros e ele mesmo em pessoa. As obras cresciam aos poucos, com uma áurea de mistério, como todas as obras de Deus. Talvez Padre Bertoni raspasse o fundo do tacho de seus bens; talvez aceitasse o óbolo evangélico da viúva e de outras pessoas marginalizadas pela sociedade. Temos algumas informações a respeito; entretanto, não explicam tudo. A caridade, quando é muito profunda, torna-se insondável. Precisavam comer também. A casa em construção possuía uma pequena cozinha, que ora funcionava num local, ora noutro. Igualmente o refeitório. Os moradores se satisfaziam com alimentação de pobre, mais amiúde fria, em vez de quente. Todos cozinhavam; cada um, a seu modo, como em acampamento de ciganos: os servos de Deus não se admiram com estas comparações.

Celebrações religiosas, trabalho de pedreiro, fogo com fumaça, sopa aguada, batatas, nabos, feijão, verdura cozida ou crua, e um pedaço de carne; o suficiente para sobreviver.

Estas as são origens. Por nada atraente. Contudo, a comunidade crescia, sem frustrados ou descontentes. A mão de Deus pairava sobre ela. Em 1834, a comunidade contava com doze sacerdotes, em torno dos quais havia pouco de fiéis. O povo em geral conhecia a comunidade? Havia motivos para muita dispersão de conhecimento, para outros interesses; existia confusão política, mesmo após a restauração. A comunidade de Padre Bertoni era uma das ilhas onde se mantinha acesa a chama da lenha de primeira, agradável a Deus.

Por isso tudo, a figura de Padre Bertoni não aparece ainda completamente delineada. Procuraremos conhecê-la melhor.

Sua severidade incutia medo aos temerosos. "*Nada é demais*" - dizia ele - "*nos primórdios de uma instituição*". Não tinha a Congregação o nome de Estigmas? Julgaria alguém que tal designação fosse apenas uma simples expressão? Naquela época os padres estavam no centro das atenções. Angariavam estima, admiração, mas também sofriam críticas e eram vítimas de boataria. Atraíam sobre si os olhares de todos, e também dos fiéis curiosos.

Não havia regras fixas, para a nova Congregação. Valiam as normas dos Jesuítas, aplicadas informalmente, mas, ao mesmo tempo, com rigor.

Advertências, repreensões, sacrifícios, tesouros espirituais. Obediência da parte de todos, sem aceno de discussão. Se assim fosse, a porta da rua estava aberta. Todavia, mais de um deles, depois de haver saído, retornou e não abandonou mais a comunidade.

É fácil aprender a desobediência; e a obedecer também.

Entretanto Padre Gaspar não trazia no rosto o que chamamos de carranca. Sereno, mesmo na severidade. Não era flexível, mas não era inexorável. Amava os dóceis e amava quiçá ainda mais os indóceis, as ovelhas desgarradas. Temia, porém que a fruta podre provocasse a podridão da fruta boa. Uma comunidade, grande ou pequena, tem rápida decadência: a história das grandes ordens no-lo ensina. Das fileiras de certos religiosos surgiu alguém que disparou o arcabuz contra o santo cardeal Carlos Borromeu e por pouco não o matou. Tinha-se a impressão de que o ideal de Padre Bertoni fosse o de ser um bom e simples sacerdote. E ele o seria se os simples e bons sacerdotes fossem todos como ele.

Fala-se de sua afabilidade e de sua simpatia com os discípulos, com os confrades, com todos. Sabemos o que sejam a afabilidade e a simpatia sem a grosseria de espírito e de conotação equívoca? Pois bem, tais a afabilidade e a simpatia de Padre Bertoni. Muito diferentes daquelas do mundo, polidas e melífluas.

Nem todos os Oratórios atuais se assemelham àqueles de antigamente. Hoje há mais jogo de futebol do que reuniões espirituais; neste caso, todo ato de piedade parece excessiva mortificação; uma rápida visita à igreja e, a seguir, horas de divertimentos. Há, contudo, as exceções. Sacerdotes como Padre Bertoni não são facilmente identificáveis, mas existem ainda hoje. Algum dia, ouviremos falar deles.

Discípulos de Santo Afonso

Os Estigmatinos abriram uma escola, um ginásio, onde a religião tinha a máxima importância.

Ensino aberto, estímulos à competitividade, algum trabalho escolar extraordinário como castigo, jamais punições corporais. Também nisto seguiam os Jesuítas. Todavia Padre Gaspar era severo; sabia, quando necessário, agir com rigor; mantinha sempre a disciplina.

Característica evidente dos Estigmatinos continuava sendo os Oratórios Marianos. Nos Estigmas também havia Oratório e local de recreação. Vários eram os jogos após o meio-dia; o prêmio jamais era dinheiro, mas uma ave-maria de joelhos, no local do jogo, a ser rezada pelo vencido a favor do vencedor. Tempos bem diferentes dos nossos, como se pode constatar. Nós os tachamos de ingênuos; temos a impressão de sermos livres de preconceitos e desvoltos, porque não damos a devida importância ao passado. Era um padre que, com o ecoar de um assobio, vindo de um buraco de chave, determinava o fim dos jogos. A volta à cidade era feita ao som de cânticos religiosos.

Não conte o número de jovens, dizia Padre Gaspar, mas considere as virtudes.

A comunhão era livre.

Não se devia ter interesse apenas pelos jovens do Oratório e da escola, mas também pelos outros rapazes dos bairros.

Nem se devia pedir dinheiro, a não ser por urgente necessidade. Preferivelmente, nunca.

Se possível, socorram-se os jovens pobres com dinheiro pessoal, mas não diretamente. Observem-se, com critério, as conversas demasiado confidenciais nas rodas dos jovens. Nada deve ser dito que não possa ser ouvido por todos. O escopo dos jogos era um moderado exercício das forças físicas e uma recreação do espírito. Dinheiro, bolo, frutas eram proibidos. Reconheço o risco de que Padre Bertoni, com este tipo de sabedoria e com suas prescrições, se tornasse antipático aos leitores de hoje, apressados em seus julgamentos: os educadores atuais, diversamente, são liberais, permissivos, alegres. Às vezes tem-se a impressão de que não queremos ser imitados pelos discípulos, mas imitá-los.

A postura exterior de mestre? O menos possível!

Que o padre não seja alguém que apareça como destaque!

Nada de afirmações obscuras ou duvidosas.

Tais princípios não parecem constituir, para alguns, o ideal do educador eclesiástico da atualidade. E sim: evitemos os assuntos maçantes; tenham ares de um leigo despreocupado; vistam roupas de cores vivas. Que é que resta do padre? Padre Gaspar Bertoni não somente pensava de modo muito diferente, mas nem podia imaginar que dois séculos mais tarde sobreviriam, não digo costumes, mas tendências semelhantes.

Vamos censurá-lo? Vamos privá-lo de suas atribuições? Vamos ironizá-lo?

Reflitamos com honestidade: perceberemos nele defeitos e excessos próprios do tempo; todavia, constataremos também dotes e as virtudes que possuía.

Em todo o caso, na época não se cometia o erro de combater os inimigos da Igreja participando, com gosto, da vida deles; mas evitava-se o contacto com eles, mesmo com o risco de ser deixado de lado e ser mal visto,

Antes de ser bom padre, ou padre santo, o padre era padre. Batina comprida, botinas pretas, chapéu largo, redondo e escuro. Bem sei que não são objetos essenciais e que a roupa preta, sapatos comuns, uma boina sobre a cabeça ou a cabeça descoberta não são indecentes. Um padre, porém, sem renhum sinal, sem sinal de que é padre, levanta suspeitas. Talvez eu esteja enganado, posso admitir.

No entanto, Napoleão tinha sido destronado para sempre. Pio VII havia retornado a Roma. Estabelecia-se o sistema político internacional chamado Restauração, do qual os bons padres deviam aproveitar-se, sem envolver-se politicamente; os maus leigos aproveitariam da situação com hipocrisia. A moral preferida era, então, a moral ligoriana, de Santo Afonso Maria de Ligório, casuísta moderado, eminentemente sábio. Padre Gaspar e seus companheiros dos Estigmas cultivavam-na no confessionário e, com ela, obtinham frutos salutares. Certamente, a moral ligoriana é como uma peneira fina, através da qual a alma penitente deve passar, ou deixar de passar, mas sem absolvição. Nem hoje em dia Santo Afonso de Ligório está na moda. Muito pelo contrário. Pode-se perceber que sua moral repugna à opinião de muitos. Exige paciência, constância, reflexão, santa indignação. Por outro lado, parece, nos dias de hoje, que se pretende fazer da confissão, privada ou pública, um mergulho e ficar repentinamente purificado, com uma pureza angelical. Não quero impor minha idéia, para não levantar calúnias ou preconceitos.

Acrescente-se que nos Estigmas confessavam-se apenas homens e que nem mesmo depois da abertura da igreja ao público houve confessionários para mulheres.

Todavia, não poucas eram as conversões. O estigmatino Padre José Stofella, autor da mais conhecida "biografia do Padre Gaspar, registra *"aquela de um sacerdote escandaloso, apóstata notório o sectário declarado"*, padre Carlos Allegri. Grande afluência aos confessionários, empenho cansativo dos padres para manter a ordem e a edificação geral.

Era uma verdadeira escola. E que escola! Escola de almas. Outras atividades: pregações, catequeses, novenas, tríduos, exercícios espirituais, instruções aos clérigos do seminário, assistência aos enfermos, aos encarcerados e, especialmente, aos condenados à morte.

Foi merecimento pessoal de Padre Bertoni a promoção da devoção a São José, esposo de Maria, que progrediu lentamente através dos séculos. Devoção típica daquele tempo e que se manteve até o limiar da época renovadora ou contestadora.

Padre Bertoni não podia deixar de instilar zelo para o culto a São José. E com a corajosa divulgação da prática da "boa morte".

Os Bispos de Verona, ao visitar a Casa dos Estigmas, regozijavam-se diante de tanto zelo e de tão lúcida diligência; eram pródigos em louvores aos padres ali reunidos e, sobretudo, a Padre Bertoni. "*Tudo corresponde perfeitamente ao nosso desejo e expectativa*". (Palavras do bispo Dom Grasser, em 1828). "*Tudo supera a expectativa*" (Palavras do bispo Dom Mutti em 1836).

Sacerdotes jovens, irrepreensíveis, simples, humildes.

Será possível que naquelas vidas de sacerdote não existisse nada de discutível para ser apontado, à parte a diversidade dos tempos? As biografias foram escritas por padres, acostumados a realçar o sentimento de piedade religiosa. Foram escritas segundo os conceitos da época. Não são famosas exatamente por este motivo as vidas de numerosos santos?

Os autores de biografias dos santos tinham-se proposto, deveras, a tomar grande cuidado para evitar todo o defeito, toda culpa, com escrúpulos que hoje não somente provocam esboço de sorriso, mas até indignação.

Religiosidade e piedade envolvidas por escrúpulos, sombrias, formais, incompreensíveis. Jamais um aceno a fatos jocosos; nunca a alegria, de que certamente havia sabido dar provas o pobre de Assis, o homem mais privado de bem-estar e de conforto material.

Afirmamos que se trata de uma alegria que os santos homens de então não conseguiram transmitir à geração da segunda metade do século vinte, por quantos livros se escrevessem sobre eles. Nem alegria, nem serenidade.

Vemo-los sombrios, sentimo-los como que apagados no amor que oferecem.

Enfermiço

Padre Bertoni não passava bem. Poucos os períodos de boa saúde, nunca perfeitos. Os seus biógrafos tratam de suas doenças de 1817, 1819, 1821, 1822.

É um outro segredo da vida dos santos: a força de suportar os males físicos. Santa Catarina de Sena, dizia-se alegre e ativa; jamais estava perfeitamente bem de saúde; freqüentemente não estava muito mal.

Entretanto, ela prosseguia, a pé ou a cavalo.

Outra manifestação de doença em Padre Gaspar, no ano de 1824: era numa perna. Submeteu-se não só a uma operação cirúrgica, mas a uma grande quantidade de intervenções, dolorosíssimas, devido às condições em que se realizavam. Era exemplo, para os outros. Ele era um verdadeiro herói.

Disse o doutor Luís Manzoni: "*Nunca vi um paciente igual, em tantas operações que efetuei: eu o considero um santo*".

Padre Gaspar procurava atenuar com as palavras a dor que sentia; porém, apesar do esforço, seu aspeto o desmentia.

Homens, como esse, têm estranhas relações com a dor física: sentem-na como os outros e suportam-na como nenhum outro. Falamos de segredo. Onde reside o segredo? Pensemos nisto.

É uma especial solidez do corpo?

Não é. Pois, são seres muito sensíveis.

É uma estratégia especial ou existe uma fórmula mágica para tal atitude?

Absolutamente, pois eles não se apegam a tais coisas.

Então, manifesta um autêntico e frio estoicismo?

Não são estóicos no sentido antigo, isto é, indivíduos míticos.

São cristãos, excelentes cristãos, certamente, acostumados antes de tudo às dores de Cristo na cruz, comparando-as com as próprias. Este é o grande segredo, muito mais fácil de ser dito do que vivido, um exercício espiritual e prático que Santo Inácio recomenda mais do que os outros. Enquanto a dor os oprime, eles tomam parte, em espírito, na Paixão de Jesus, passo por passo na via do Calvário e instante por instante na caminhada com a cruz. Eles vivem bem distantes. Estão no Gólgota, desprezam as próprias dores, para sentir menos dor. Sentem outra mais forte, a dor de Cristo espancado, flagelado, traspassado de espinhos, suspenso, com as chagas abertas pelos cravos.

Isto é inacreditável para quem não é cristão e também ao cristão tíbio. Para eles são palavras, reflexões vazias, orações inúteis. Mas é realidade para o verdadeiro seguidor de Cristo, que esperou ansiosamente as horas do tormento e as enfrentou preparado em cada um de seus membros.

Isto bastaria para a santificação se fosse documentado completamente, metodicamente desde o início. Qual a oferta maior do que aquela da pessoa inteira, alma e corpo? Que prova mais clarividente, não obstante pelo tempo que já passou, da admiração que tinham para com Padre Gaspar os seus médicos, os seus enfermeiros, os confrades que o assistiam e o indicavam como ponto de referência?

Ele sabia comportar-se como de costume, falar como quando estava são. Parecia impossível que sofresse tanto. Continuava a interessar-se por suas instituições, a dar opiniões e conselhos, a cuidar de pessoas de boa saúde, a quem o zelo e a devoção custavam muito menos. Às vezes conseguia verdadeiramente iludir os circunstantes: estaria curado, logo se levantaria e recomeçaria a trabalhar como anteriormente.

Ele convivia serenamente com a enfermidade. Conseguia esquecer a perna atormentada. Vinha, inclusive, a tentação de chamá-lo de preguiçoso por apreciar demasiadamente a cama e o sono.

O contacto com os santos é um enigma. Não sabemos de que modo tratá-los. Sadios, consideramo-los invulneráveis, pessoas a quem o cansaço não atinge; doentes, somos induzidos a tratá-los como se não o estivessem e gostassem apenas de repouso, melhor do que ninguém.

Certamente um santo enfermo vale mais do que qualquer pessoa perfeitamente sadia.

Reparemos agora em seu retrato: o retrato de um homem sempre pronto a levantar-se, a colocar-se a caminho, a agir para a glória de Deus e para o bem do próximo. O que não lhe solicitaríamos? O que não exigiríamos dele?

Não basta. Seu retrato o apresenta como um homem de floridas condições de saúde, de aspecto agradável, de idade avançada; pacificamente, envelhecido; a energia nos grandes olhos atentos e calmos, na inocente abertura da boca.

É o retrato de um homem de franca e boa aparência. Que fronte espaçosa, abaixo do gorro! Que nariz aquilino! Que faces arredondadas! Queixo longo, nem muito redondo nem muito delgado. Espiritual e fisicamente, alma e corpo, Padre Gaspar era um homem admirável, o homem feito à semelhança de Deus.

Nos últimos meses de 1827, Padre Gaspar esteve às portas da morte. Toda Verona comoveu-se. Rezavam por ele; continuamente pediam informações. Fizeram até romarias. Nós conhecemos a religiosidade do nosso tempo; não conhecemos a religiosidade daquela época. A enfermidade de padre Gaspar era, realmente, notícia, com seus altos e baixos, com o agravamento; e afinal com a improvisa melhora nos primeiros dias do ano de 1828, razão pela qual houve quem visse, nisso, um milagre. Em breve tempo, ele passou de um estado próximo ao coma à manifestação de forte vitalidade em que, sacerdote de alma sempre vigilante e pronta, ia ao encontro de seus companheiros, de seus seguidores, de tanta gente por amor a Deus. As crônicas de então são retóricas e complexas; mesmo assim exprimem surpresa e alegria. Quem podia, corria para ver Padre Gaspar Bertoni; ia rejubilar-se pela gratidão dele para com Deus e pelo miraculoso restabelecimento.

Episódios difíceis de descrever, em face da modesta historiografia dos estigmatinos; sobretudo, devido ao tempo que era ou parece tão diferente do nosso. Um padre de vida, pensamentos e costumes santos; uma popularidade que nos parece tão grande quanto fácil e simples; uma doença acompanhada por tanta gente, da forma como se acompanha a doença dos próprios familiares; perigo de morte e temor geral. Como o santo Natal e o primeiro de ano, um restabelecimento ansiosamente aguardado.

Tinha sarado completamente?

"Eu celebro missa, mas... as pernas não ajudam; a direita, ferida, inchada um pouco, com uma dorzinha disfarçada que eu, gostaria de não sentir. Mas fiat voluntas tua!"

Durante o ano de 1828, o mal desapareceu. Completamente, ou quase. Os médicos vinham vê-lo de quando em vez.

Parece impossível, repito, que naquelas condições e circunstâncias um padre, mesmo provado no sofrimento, fosse tornando-se um santo. São necessários milagres para reconhecer-se a santidade; mas é também igualmente importante a paciência de Jó durante as contínuas enfermidades.

Padre Gaspar permaneceria sempre um homem de saúde abaixo da sofrível; como se dizia então, um "enfermiço", ora de pé e andando, ora de cama; ora reanimado por novas forças, ora muito enfraquecido,

Na verdade o aspecto exterior de seu retrato nos engana. Apresenta-nos matices agradáveis e oculta nuanças dolorosas. Não é o retrato de um enfermo; é o retrato de alguém que, parecendo vigoroso, reza, medita, conforta os demais e pratica tudo de bom que pode fazer.

As duas faces de Verona

Um dia durante a vacância da sede episcopal, o vigário capitular, Monsenhor Dionísio, dos marqueses Dionisi, decidiu nomear Padre Gaspar Bertoni como cônego da catedral.

Cônego da catedral de Verona não era, em todo o caso, nem papa nem cardeal, nem bispo; mas Padre Bertoni assustou-se e começou a agir ativamente para evitar a honraria "*imerecida*".

O vigário capitular tentava vencer a resistência do Estigmatino; e este a se esquivar cada vez mais. Ao final venceu a humildade, verdadeiramente pugnaz.

Monsenhor Dionísio dos marqueses Dionisi, nobre e cristão, resignou-se com a derrota.

Também a recusa de honras por parte dos Estigmatinos foi herança recebida dos Jesuítas, sacerdotes que queriam ser chamados apenas de padres: não Eminência, nem Excelência, nem Monsenhor.

Eis minha opinião. Reuniram-se os Estigmatinos como pobres seguidores da Companhia de Jesus que, nos seus primeiros tempos, não tinha nem ambições nem excessivo espírito corporativo e que, mesmo mais tarde, nos períodos mais dramáticos de sua existência, não aceitou, senão excepcionalmente e por obediência, altos cargos e títulos honoríficos para alguns de seus membros.

Padre Gaspar era verdadeiro reflexo de Padre Inácio. Se alguém lhe dissesse isso, ele teria se indignado.

Por nada! Ele era o servo dos servos de Deus.

O que ele faria hoje se pudesse ouvir que querem proclamá-lo bem-aventurado e santo? Não ajudaria de forma alguma os que postulam sua canonização, atualmente tomada a peito com denodo pelos Estigmatinos. É verdade que são iniciativas louváveis, são iniciativas excelsas, nas quais intervém o Espírito Santo. No final das contas, Padre Gaspar obedecerá. Obedecia na terra. Quanto mais no céu.

O novo bispo foi Dom José Grassler, chegando de Treviso a Verona, em 1829, "*Um bispo*" - disse padre Gaspar - que ama verdadeiramente o bem, que quer saber as coisas e penetrar nelas, com toda a minúcia, e que age por si mesmo, é "*pessoa sem afetação*" mesmo sendo "*muito ativo e eficaz, porque muito tão prudente quanto cortês e bondoso; em suma, um homem de Deus*".

Contudo, sendo ele da região do Tirol e conservando o sotaque da região não era bem aceito por todos em Verona. Somente dez anos mais tarde, quando morreu, aos 57 anos, os veroneses foram unânimes em saber valorizar sua atividade e em chorar por ele. Quanto a Padre Gaspar, ele ajoelhava-se diante de seu bispo; ao menos uma vez, beijou-lhe os pés em público. Padre Gaspar não se importava com o sotaque; considerava apenas a atuação do bispo, para quem o fundador dos Estigmatinos era "*o meu Padre Gaspar*", a pérola do seu clero e, portanto, o seu predileto.

Curado, ou num período de trégua entre dois achaques, Padre Gaspar retomou o que sempre havia feito: ensinar com toda solicitude, pregar com inspiração, dirigir exercícios espirituais como só ele sabia fazer. Breves momentos de repouso, apesar da necessidade; longos e inteiros dias de dedicação. Quando sabia que Padre Gaspar ensinava, pregava, dirigia os exercícios espirituais, Verona, ou considerável gente boa e devota ficava satisfeita.

Felizmente não dispomos de espaço para descrever a Verona profana: ávida de dinheiro, voluptuosa e vaidosa. Talvez fosse necessário fazê-lo. Enquanto os sacerdotes como Padre Bertoni enveredavam-se pela via de santidade, muitos se esqueciam de que eram cristãos. Dedicavam-se aos jogos de azar, a alegres banquetes, a festas carnavalescas, a galantes passeios à tarde e à noite. Esperavam com impaciência o carnaval e, além disso, o antecipavam um pouco. Havia uma Verona de bairros e vielas eróticas, de encontros que pareciam "surpresa", mas preparados previamente com esmero, de espadas desembainhadas na escuridão, de aventuras perigosas, de escaladas furtivas, de fugas, de luzes apagadas repentinamente. A

Verona imaginada por Shakespeare de Romeu e Julieta; um gênio que, apesar de cometer o erro de posicionar Verona à beira-mar, no mais acertou no alvo. Dizer que Verona era uma cidade hedonista não é tudo; Verona era também uma cidade espiritual e piedosa.

Admitamos que o diabo tenha, entre seus sequazes, candidatos à canonização inversa, isto é, no sentido da condenação: seriam os seus processos mais fáceis do que os da Igreja de Cristo?

Em suma, é necessário refletir na hipocrisia, por cujo meio muitos gozadores da vida fingiam ser bons cristãos, praticantes e fazer os sacrifícios necessários. Hoje não acontece mais isso. Hoje, pelo menos, os hipócritas arrancaram a máscara e se mostram tais quais realmente são. Tartufo, a melhor obra-prima do inigualável Molière, está assombrosamente muito distante de nossos costumes; assumiu valor de fábula colhida naquilo que já foi vida. Todos se comportam como o franco ir-mão de Orgon, hóspede de Tartufo; até mesmo com maior liberdade, com desenvoltura muito maior.

Imaginemos a condição de um padre santo, como Padre Gaspar, que devia saber distinguir entre cristãos verdadeiros e cristãos falsos, com o risco inevitável de errar e de ver com bons olhos algum maroto, capaz de fingir. É verdade que sacerdotes santos como Padre Gaspar e, recentemente, o Padre Pio de Pietralcina tinham uma perspicácia especial, um sexto sentido, para desmascarar os simuladores de piedade cristã e mostrar-lhes o que realmente eram. A história da santidade está cheia destes casos. Não se deve abusar maldosamente do homem inspirado por Deus, e que só ouve a palavra de Deus. Aos seus olhos não se passa pelo que não se é. Diz o astuto Renzo a respeito do frade que protege a ele e a Luzia: "*Padre Cristóvão tem olhos penetrantes!*".

O confessor da Imperatriz

No entanto, formava-se nos Estigmas gente de valor. Por exemplo, o imperador Fernando de Ausburgo solicitou ao bispo de Verona, Dom Grassier, que lhe indicasse um padre italiano para ser confessor de sua esposa, a imperatriz, Maria Ana Carolina Pia de Savoia, naturalmente italiana.

Dom Grassier, por sua vez, dirigiu-se imediatamente aos Estigmas, diretamente a Padre Gaspar. Temos o Padre Luís Bragato, disse-lhe Padre Gaspar. Parece talhado para isso.

Nessa ocasião, nos Estigmas, havia doze sacerdotes, quatro irmãos coadjutores, dois seminaristas. Padre Gaspar não teve quantidade superior durante sua vida. A designação feita por Padre Gaspar foi aprovada pela comunidade inteira e igualmente pelo bispo. Padre Luís Bragato, dito de passagem, era um sacerdote verdadeiramente humilde, partiria para Viena e faria da corte.

Quando partiu?

No dia seguinte. Como se vê, os Estigmatinos eram disponíveis e decididos: não criavam problemas para os superiores.

A recomendação de Padre Gaspar foi: aceitar o encargo; mostrar-se digno dele; nenhum pagamento; apenas a manutenção.

O chanceler do império, homem famosíssimo na época, Metternich em pessoa, ficou admirado. Em todo o caso, quis que o confessor da imperatriz residisse no palácio imperial, não na pequena casa que havia alugado.

Estes Estigmatinos são assim também hoje?

Não quero atingir a modéstia deles. Somente afirmo que meus conhecidos são pobres de verdade, de comportamento humilde, de atitudes que não chamam a atenção, simples operosos, de dia e de noite empenhados nos lugares onde os esperam os necessitados de todo tipo e categoria.

Padre Luís Bragato, aos 14 de novembro de 1835, *"foi introduzido na corte com o título de capelão honorário sem obrigações, nem pensões, vestido com a batina costumeira, como nos Estigmas"*.

Sem obrigações, exceto o delicadíssimo encargo, de grande responsabilidade. Sem pensão, isto é, recebendo casa e alimento e nada mais.

Confessor. Esmoler, encarregado de distribuir as abundantes esmolas da imperatriz. Ele não tinha boa saúde. Contudo, vida sóbria e nenhuma ansiedade artificial levaram-no aos 84 anos. A imperatriz o considerava o pai da sua alma.

Quando renunciou à mitra, Padre Gaspar escreveu-lhe: *"O senhor seguiu a orientação do falecido arcebispo Galvani: Bassi, bassi! Buseta e taneta (pequeno buraco, pequeno esconderijo). E salvou os humildes de espírito"*.

Além do mais, vê-se nesta expressão o espírito e o bom humor dos veroneses.

É verdade que cinco anos após, na corte-retiro de Praga, ele mesmo não pôde recusar uma abadia húngara; apesar disso, jamais usou a mitra.

Havia correspondência epistolar ente Bragato e Bertoni; mas quase tudo foi queimado. Vamos explicar como aconteceu, porque é algo interessante. Tendo a região veneta passado ao novo reino da Itália, foi realizada nos Estigmas uma investigação (zelo excessivo), durante a qual (outro zelo excessivo) um religioso julgou necessário lançar ao fogo o maço das cartas, a fim de que se evitassem acusações de convivência com a Áustria. Salvaram-se apenas algumas cartas e alguns fragmentos.

Era uma outra Áustria; eram outros tempos.

Os Estigmatinos eram acaso suspeitos de anti-patriotismo? Não creio. Provavelmente tinham a mentalidade da maior parte dos padres italianos da época. Não era culpa deles se o renascimento italiano tinha agido, em grande parte, contra a Igreja, ou certamente contra o Papado. Os Estigmatinos não eram profetas para prever o futuro de seu país. Julgo também que, em virtude de uma simpatia pelos jesuítas, passassem por integralistas. Eram e queriam continuar a ser padres humildes e pastores ativos. Isto é o que lhes interessava. Não se interessavam por questões políticas.

Naturalmente, para a história da Congregação, ou mesmo uma vida do fundador que não fosse só um esboço, seria interessante matéria para estudo. Aqui, não.

Foi um grande equívoco a hostilidade entre os cidadãos leigos e os padres; durou ao menos até à Conciliação, com o considerável cortejo de incompreensões, de controvérsias, inclusive no tempo de Pio XI, o Papa da Conciliação, de luta mais ou menos velada entre as organizações fascistas e as organizações católicas. Tudo isto está ausente em padre Gaspar e em seus estigmatinos.

Eram partidários da Áustria? Na verdade, dependiam do império austro-húngaro.

Defensores da independência italiana? Muitos deles, como vênéticos, queriam segurança. Mas os fatos seguiam o próprio rumo.

Aliás, trata-se de uma Congregação intocável, mesmo com referência às indiscrições da historiografia, por sua pequenez, pelos grandes e quase desproporcionais empenhos que assumira, por sua pobreza e por seu cultivo da humildade. Hoje, como ontem. Tem-se a impressão de contar a história de comunidades escondidas, que, embora beneméritas em relação à Igreja e à caridade cristã, tem pouco material para ser descrito. Contudo, as virtudes não se medem com metro. O valor dos Estigmatinos não está na quantidade.

Gente boa e pronta a se desdobrar com honestidade; alheia às intrigas, totalmente dedicada a orações, meditações, exercícios espirituais, escolas, paróquias e missões; espírito de entrega total e distante, em geral, dos entreveros políticos, ao menos das opiniões dos aproveitadores da política.

Poder-se-ia imaginar Padre Bertoni, movimentando-se e discutindo com partidos políticos e facções? Teria, sem dúvida, opinião própria para ser expressa, ou refletida a propósito das condições dos inúmeros estados Italianos e do império austríaco, da França revolucionária, de Napoleão (de glória duvidosa), mas pregava somente o que devia pregar, a inexaurível doutrina de Cristo, o Evangelho. Não fizemos pesquisas específicas. Apesar disso, em favor do virtuoso Padre Bertoni, obediente a Deus e às leis, estaríamos dispostos a colocar a mão no fogo. E teríamos certeza de que não a queimaríamos.

Ou existiria um outro Padre Bertoni, o político?

Não encontramos nele indício algum neste sentido.

Pão e palavras

Na pequena comunidade dos Estigmas, alguém, raramente, cedia à tentação de voltar a um estilo mais cômodo de vida; um ou outro morria, geralmente com fama de muita virtude.

Poucas as novidades. Todavia o caminho da caridade nunca é monótono. Padre Gaspar estendeu a sua atividade a um dos mais populares bairros de Verona, em Santo Estêvão, onde possuía uma pequena moradia chamada "dei derelitti" e "delle derelitte". O novo ministério foi confiado a Padre João Maria Marani. "*O povo o ouvia com muito prazer, e parece que a palavra de Deus não foi simplesmente lançada, mas também cultivada em boa terra*".

Breves crônicas, também e principalmente aquelas "dei derelitti", contam-nos histórias de padres que parecem menos dotados, de seminaristas, de coroinhas. Às vezes, quem as redige mostra desânimo, pois é preciso ter grande apego ao bem espiritual para perseverar. É preciso ser clerical, apesar de, com isto sofrer séria acusação, mesmo nos meios católicos atuais. É preciso ter saudade do tempo da tonsura.

É assim mesmo, em certo sentido. Quem não frequenta as igrejas, não se relaciona com padres e gente da igreja, assistindo, na maioria das vezes, missa aos domingos, não compreende que interesse possa haver em contar minúcias acerca do clero.

Tal prazer apesar de não se ter fé, era interessante para Saint-Beuve, o autor da volumosa e sutil história dos jansenistas. De outra forma, não teria conseguido penetrar nos anais deste gênero, a que, penso eu, o povo jamais prestou atenção. Invejo Padre Stofella, que escreveu uma vida de Padre Gaspar. Como poderia tê-la escrito se, para ele, a descoberta de qualquer fonte sagrada não tivesse sido uma preciosidade?

Sua biografia, com efeito, é uma coletânea, em muitos casos, de fatos, objetivamente, de relativa importância. Para apreciá-la é necessário ser, ao menos, como eu: acostumado a pequenas crônicas da vida da Igreja, inclusive de acontecimentos ingênuos, desejoso de conhecer as novidades; é necessário também estar avançado nos anos.

O Evangelho de Cristo, além de relatos de suma importância, não compreende também fatos aparentemente sem importância? É verdade que por onde Cristo passava, desaparecia esta distinção; e o grão de mostarda se tornava tão importante quanto uma estrela.

Não se pode pretender que Padre Gaspar realizasse as transformações de Nosso Senhor Jesus Cristo. Na sua igreja o velho perfume do incenso podia importunar. Aliás, existe neste mundo gente que torce o nariz por pouca coisa; sente o cheiro de incenso como antiguidade sempre e em toda parte. Não me lembro de haver lido algum requerimento para abolir o uso (antigo, de origem hebraica e pagã) do incenso; certamente, deve ter havido algum.

Prossigamos com as breves crônicas dos Estigmas e da comunidade que nele habitava. Pe Marani vai a São Zeno para fazer oito dias de preparação para o dia dos mortos. Frequentemente, durante o jantar, a palavra de Padre Gaspar substituíam as leituras. Fatos de luz. *“Quem confia em Deus, trata a Deus como Deus”*. Estamos longe de ninharias. *“Quem confia em Deus, torna-se, de certo modo, senhor do coração de Deus”*. Fidelíssimo ao sumo Pontífice, Padre Gaspar beijava todo documento que por ele fosse emanado: encíclica, bula, discurso. Ai de quem tentasse ofuscar o nome do Vigário de Cristo.

Diligentes estudos, *“princípios sadios”*. Novidades, somente as que fossem certamente proveitosas. Dez minutos de grego, dez de hebraico, de francês, de toscano (língua italiana). *“Exercícios de língua italiana”*, a exemplo de Padre Cesari. Após, isso, estudo técnico-prático de canto gregoriano. *“Não havia almoço sem que se cantasse um pouco”*. Quanto às leituras, uma obra do Padre Cesari, o grande lingüista, ou do Cardeal Barônio, por exemplo. Talvez, de Padre Bartoli, *“Ásia”*, integralmente.

Também aqui, há quem não aceite. Desaprendemos por não ler em voz alta, por não ouvir leituras fora da Igreja.

Além disso, ao menos durante meia hora por dia, Sagrada Escritura. Também arte, até mesmo agricultura. Estudava-se com afinco; guardavam-se muitos conhecimentos na memória; não se contentava com simples noções.

Medita, ao menos, meio hora por dia. *“Toleraria em seus confrades a omissão de qualquer outro empenho, jamais, porém, da meditação”*.

A prudência permeava tudo, inclusive os estudos. *“Meus filhos, sejam prudentes em suas palavras”*.

Bom relacionamento com o próximo, nos estudos e fora deles. *“Para mim, não quero nem débitos, nem créditos”*.

Caridade para com o próximo, a maior caridade.

Não se referia somente aos famintos que vinham diariamente aos Estigmas em número de cinquenta a setenta, para buscar alimento. Se, por acaso, os Estigmatinos não tinham alimento, procurava-no onde o pudessem encontrar. Pão dos pobres. Pão fornecido pelos pobres. Este fenômeno de pobres que alimentam os pobres era característica de todas as ordens medievais, antes que começassem a enriquecer-se. Pão dos ricos. Como explicar que este era menos saboroso e também em menor quantidade de que o pão que os pobres forneciam? Nunca serão suficientemente estudadas as sociedades antigas, as pagãs, as primitivas cristãs, as da Idade Média, as da Renascença, e assim por diante. Aprendamos, uma vez por todas, a não julgá-las sem conhecê-las, sem ter lido a respeito algum livro bom e cientificamente fundamentado; em síntese, sem conhecer suficientemente a realidade que elas encerram. Não afirmo que todos devam ser historiógrafos, mas não aceito que sejam ignorantes ao emitir pareceres, isto é, “gente que fala sem ter razões”. Lede, estudai, refleti. Depois, julgai se tiverdes coragem.

Quanta ironia, hoje em dia, acerca dos pobres e dos que os socorrem! Com que se quer nutrir os pobres? Com debates, com mesas redondas, com seminários; em síntese, somente com palavras?

Quanto tempo perdido! Não completamente, é certo. Deve existir também a hora dos debates abertos, francos, corajosos. Não o dia todo, interrompidos somente pelo almoço e pelo jantar. Na Índia, na África, na América do Sul haveria menos miseráveis, menos estômagos vazios se uma parte dos debates fosse transformada em pão.

Moderação no falar. Silêncio, não. Perspicácia na distribuição do pão. Não se pergunte, a cada momento, se não se pode dar nada de melhor, de mais educativo, de mais digno em nossos tempos.

Inúteis seriam também estas minhas considerações? Se a resposta é sim, dou a mão à palmatória. Infelizmente não sou um dos pobres de Assis, os quais, para falar a verdade, cantavam.

Mar de ocupações

Nos Estigmas reinava a pobreza.

Padre Gaspar vistoriava a casa para se preservar contra qualquer indício de conforto. O conforto exagerado é o grande corruptor dos padres.

“Meus filhos, lembremo-nos de que somos pobres”.

“Não viemos aqui para viver como ricos, e sim como pobres de Jesus Cristo”.

Evite-se o artifício no uso das palavras. Padre Francisco Benciolini, na pregação, queria mostrar mais do que era na realidade.

Ouçamos Padre Gaspar:

“Deves pregar segundo a tua personalidade, nem deves esforçar-te para imitar os outros, ainda quando eles realizem as coisas com maior perfeição, porque não podendo conseguir isto, sentir-te-ás frustrado. Portanto, siga o estilo que Deus digna-se conceder-te. E prega com o coração, isto é, com caridade”.

Veio a Verona um sacerdote de Viena, Padre Luís Schlör. Visitou os institutos eclesiásticos e não tardou em notar, entre todos eles, aquele dos Estigmas. *“Diversos eclesiásticos, muito piedosos, vivendo em comunidade como pessoas de claus-*

tro, a buscar a perfeição própria e a atender, dentro de suas limitações, à salvação dos outros”.

“O recolhimento e a humildade são consideradas como as principais características de suas vidas e ações. A evidência de virtudes e a eficácia de zelo são tão claras, que toda a cidade, povo e clero lhes dedicam veneração e amor, como a sacerdotes santos”.

E Padre Gaspar?

“Amável e venerando ancião, muito versado nas ciências teológicas e especialmente na direção das almas, é, por assim dizer, um oráculo da cidade, procurado também por estrangeiros, os quais, de países distantes, recorrem a ele por escrito ou pessoalmente, em busca de conselho sobre assuntos teológicos e questões de consciência”.

“De caráter forte e piedade sólida, este homem sabe com tamanha cortesia e com tanta firmeza, dirigir sua comunidade, que um só espírito anima a todos e, por assim dizer, uma só vida em todos se difunde”.

“Vivem muito pobremente e mortificados. Extremamente simples são o quarto e cada um dos móveis. Por toda a casa percebe-se tal cuidado na limpeza que agrada à primeira vista”.

Além disso, o valetudinário tinha montado uma biblioteca eclesiástica com milhares de volumes e fichário que a julgaríamos moderna. Onde tinha encontrado dinheiro para isso? Dos pobres para os pobres.

A congregação devia, sem dúvida, possuir um “fundo”, um capital. Postas em leilão antigas posses dos monges olivetanos, Dom Grasser quis que Padre Bertoni concorresse na aquisição deles para os Estigmatinos. Eram bens usurpados por Napoleão e, por isso, era necessária a autorização da Santa sé para possuí-los.

Padre Gaspar foi além. Ofereceu tudo ao Papa Gregório XVI, ao qual (“*Santo Padre, o ínfimo de vossos servos...*”) escreveu uma carta bonita e bastante longa. O Papa compreendeu. “*Chorou comovido*” e concedeu os bens ao Instituto.

A dificuldade era a de que a administração dos bens exigia um “*mar de ocupações*”. Pode-se, acaso, imaginar Padre Gaspar dedicando-se à contabilidade e a discutir sobre negócios? Apesar disso, viu-se obrigado a resolver problemas econômicos. O legítimo dono, em todo caso, não era Jesus Cristo, que tinha por administradora a Igreja? Portanto, nada de ignóbil aplicar-se a semelhante atividade. Outro contratempo era a burocracia, local e romana, com a qual Padre Gaspar tinha que se haver. Por sua parte os burocratas não davam atenção às motivações e possuíam um conceito inteiramente próprio de tempo. A aquisição de um fundo pertencente a religiosos tinha verdadeiramente posto a duras provas a paciência do fundador dos Estigmatinos. Um outro sacerdote procuraria subtrair-se a tal incumbência. Pe. Gaspar, entretanto, desde que a aceitou, não voltou atrás. Não se lamentava, nem murmurava, atitudes estas que lhe eram desconhecidas.

Avante, portanto, num caminho mais árduo do que qualquer penitência e mortificação. Avante, entre prestação de contas, balancetes, requerimentos e explicações que nunca tinham fim. Pobre padre! Havia tido a ilusão de uma vida de orações, de estudos, de caridade, conforme a opção feita. Na verdade, o trabalho era necessário: poderiam, acaso, os Estigmatinos continuar a viver sem propriedades e sem dinheiro? Idéia de santos, mas a realidade obriga, freqüentemente, a modificar o sistema ideal.

Serenidade de espírito

O bispo Dom Grasser morreu quase improvisamente. Padre Gaspar, porém, chegou a tempo ao leito do moribundo para confortá-lo. Não fez o milagre de lhe restituir a saúde, como esperavam alguns. “*Sinal de que*”, afirmou-se, “*o bispo estava maduro para o céu*”.

Naquele tempo proferiam-se esta frase e outras semelhantes mais freqüentemente, e com maior convicção. Também com maior fé.

Padre Gaspar, também doente, voltou aos Estigmas rezando e repetindo: “*Seja feita a tua vontade*”, expressão que ele usava muito, com predileção.

Seja feita a tua vontade. Eis tudo. Nisso reside a fé, nisso está a esperança, nisso vive-se a caridade.

Não foi Cristo quem no-lo ensinou? Não nos disse: orai assim?

Certo. Por isso, Padre Gaspar, fidelíssimo ao Evangelho, repetia sempre: seja feita a tua vontade.

Pronunciava-a em latim, porque, então, rezavam em latim, tanto as pessoas cultas como as mais humildes. Mas é bonito também que seja rezada na própria língua. Sem discussões estéreis.

A princípio sentimos certa desorientação; depois, apreciamos o sentido, a atualização.

Não se caia no erro de rezar em latim, por teimosia, somente para ser sinal de contradição. Seria atitude diabólica. O demônio existe e aproveita de todas as ocasiões, de todos os pretextos para tentar.

É muito elegante, Satanás, falando e rezando em latim, apresentando-se como veterano e verdadeiro cristão. Convidemos os irmãos a observá-lo, a ouvi-lo: “*Pater noster...*” Sacrilégio! Paródia horrenda!

Atenção, pois, para não nos deixarmos suggestionar por ele, o maligno. É preciso vigilância e perspicácia para não cair nos laços do demônio. Com a desculpa de combater os contestadores, os inovadores temerários, ele lança as redes, ainda uma vez, para nos enganar.

“*Vade retro Satana*”. Ou melhor: “*sai daqui, Satanás*”.

Em 1839 realizaram-se grandes festejos em São Zeno.

Padre Gaspar, doente, dizia a Paulo, o confrade que o assistia: “Será que vamos a São Zeno? “*Veremos*”. “*Paulo, irei ao cemitério?*”. “*Naturalmente, o senhor irá como todos os outros*”. “*Veja como Paulo sempre me responde com franqueza!*”

Ainda não falamos do bom humor de Padre Gaspar. Ele o possuía; era, verdadeiramente, brincalhão, não só quando estava bem, mas em qualquer circunstância.

Bom humor da serenidade, serenidade da fé.

Principalmente quando falavam em dialeto, os Estigmatinos tinham expressões espirituosas, brincadeiras agradáveis. A começar de Padre Gaspar, que seria grande equívoco julgar sempre triste.

Diálogo já referido, entre ele e Irmão Paulo, era freqüente. Nem mesmo a idéia do cemitério o impedia. “*Irei ao cemitério?*” “*Naturalmente*”.

Através destes breves relatos pode-se vislumbrar quem era Padre Gaspar.

O ser humano, e no ser humano o sacerdote, o servo fiel delineiam-se claramente aos nossos olhos. Ser humano, honesto. Sacerdote cheio de verdadeiro zelo. Intrépido servo de Deus. Uma pintura no-lo apresenta a convidar um grupo de adolescentes a depor flores aos pés da imagem de Nossa Senhora com o menino Jesus. Todos alegres. Padre Gaspar é o mais alegre de todos.

Porque demorava em dar normas a sua congregação? Ela não precisaria de um regulamento? Respondia que “*não tinha vocação para fundar ordens religiosas*”. Em Verona, porém, não se realizava nenhuma “*obra de Deus*” sem consulta prévia a Padre Gaspar.

Foi confessor e diretor espiritual do “*Retiro Canossa*”, na paróquia de São Zenão Maior. Colaborou com Leopoldina Naudet na redação das constituições das Irmãs da Sagrada Família. Contudo, depois de algum tempo, em consonância com a norma inaciana de isentar de cuidados perpétuos e pessoais, e de religiosas, decidiu deixar a direção espiritual, ainda que continuasse com apoio e conselhos ao Instituto de Naudet. Exemplo de Pai aos seus filhos, os quais, como missionários itinerantes, deveriam permanecer livres de compromissos estáveis.

Bertoni e Rosmini

Ironizamos um pouco a religiosidade em Verona no tempo de Padre Gaspar. Não podíamos deixar de fazê-lo.

Naquele tempo, seriam numerosos em Verona os padres, os frades e as freiras que se dedicavam unicamente à adoração de Deus e às necessidades do próximo? Sim para Madalena de Canossa e suas Filhas da Caridade; sim para Padre Pedro Leonardi e as Filhas de Jesus; sim para Teodora Campostrini, fundadora das Irmãs Mínimas da Caridade de Maria, Virgem das Dores; sim para Padre Nicolau Mazza, sacerdote das meninas pobres e dos estudantes necessitados, planejador de uma missão na África; sim, para Padre Calos Steeb com as Irmãs da Misericórdia; sim para Padre Antonio Provolo com o Instituto para os surdos-mudos; sim para Padre Camilo César Bresciani, “*o segundo Camilo de Lélis*”.

Proveniente de Veneza, veio para encontrar-se com Padre Gaspar o Padre Marcantonio dos Condes Cavanis, fundador dos Clérigos das Escolas de Caridade. De Rovereto, Padre Antonio Cavanis, célebre filósofo e não menos célebre e caridoso sacerdote, que, embora muito mais jovem, manteve relacionamento cordial e de mútua estima com Padre Gaspar.

Em Verona, Rosmini privilegiava os Estigmas. Hospedava-se aí de bom grado; aí celebrava a missa. Restam-nos algumas cartas trocadas entre Rosmini e Bertoni. Ficou, sobretudo, o perfume de suas virtudes.

Não podemos deixar de relatar que entre os dois servos de Deus existiu também uma certa divergência. De índole filosófica? Não exatamente. Rosmini deu a conhecer a Bertoni duas obras de sua autoria: “*A Constituição segundo a justiça social*” e “*As cinco chagas da santa Igreja*”. A Padre Gaspar pareceram muito audaciosas. Ele, então, pediu a Rosmini que não as publicasse. Rosmini não compreendia a razão, já que suas intenções eram boas. Padre Gaspar insistia. Rosmini, sempre cortês, não cedia.

As duas obras foram condenadas pela Igreja, o que deu razão ao Estigmatino. Rosmini submeteu-se imediatamente ao decreto. Dissolveu-se, assim, o motivo do desentendimento.

Episódio intrigante e digno de estudo. O espírito de novidade soprava mais em Rosmini do que em Bertoni. Bertoni, sempre disponível à obediência, abstinha-se de cultivar a novidade por novidade. Rosmini, sendo mais jovem, era ardoroso e impulsivo; possuía mentalidade mais especulativa, mais inquieta. Compreendia que Bertoni, igualmente culto, apresentava razões válidas. Talvez, porque gostasse de debates, não lhe pareciam melhores que as suas. Em síntese, um episódio sintomático: a Igreja tinha também suas chagas, sobre as quais os dois ótimos sacerdotes, porém, não achavam o ponto de acordo. Não concordavam sobre a solução e a respeito de quem fosse o responsável por elas.

A divergência foi de tal gênero que se dê honra a um e a outro. Um tendia às inovações; o outro as temia grandemente e, tomado pelo propósito de obediência absoluta ao Vigário de Cristo e à Santa Sé, tremia ao pensamento de infringi-lo.

Parece fácil a vida de Padre Bertoni. Ao analisá-la cuidadosamente aparece inçada de dificuldades, relacionadas com a compleição física, com o caráter forte, com as complexas circunstâncias da época.

Não há época fácil. Nunca houve. Fáceis são elas na imaginação dos superficiais, caso em que não merecem nem este nome.

Veja-se o caro Rosmini. Douto, mentalidade filosófica, alma piedosa. Contudo, escreve “*As cinco chagas da Igreja*” e deixa Bertoni perplexo, preocupado e desorientado. Pode-se, acaso, julgar a mãe Igreja, o sucessor de Pedro, a conduta da Santa Sé? Até que ponto? E por obra de um sacerdote virtuoso?

De nossa parte, não devemos julgar os inovadores, nem os conservadores. De modo especial se em uns e em outros existe boa vontade.

E muito menos julgar os inovadores e conservadores de século diferente do nosso, tão distantes no tempo que parecem usar uma outra linguagem. Pensemos unicamente que, em nosso caso, cheio de caridade estava o coração do inovador e cheio de caridade o coração do conservador. A caridade, que apaga pecados, como diz o apóstolo Pedro, primeira pedra da Igreja, não cobriria as retas intenções?

Lamentamos somente a melancolia que terá invadido o coração de Padre Bertoni. Um anjo entristecido, entristecido por um outro anjo. Em sua infinita sabedoria, Deus o terá confortado!

Inefável sorriso. Um delicado fragmento de mistério. Não julguemos, convém repetir. Inclinemos respeitosamente a fronte.

Segundo o ilustre Padre Antonio Bresciani, jesuíta, “*a maior virtude*” de Padre Bertoni era “*a luz de conselho sob a ação do Espírito Santo*”. Em outras e mais simples palavras, dotado como era, ele sobressaía-se em dar pareceres, em consolar pessoas, em apontar-lhes o caminho certo.

O próprio Padre Bresciani tinha acorrido a ele para casos difíceis e não encontrava motivos de arrependimento por isso. Falava por experiência própria. Dizia: perguntem a Padre Gaspar.

Consultaram-no também os bispos de Verona, algumas vezes, com a cabeça inclinada. Graças a Deus, Padre Gaspar era humilde. Nem reparava na atitude do superior.

Refúgio do clero, Padre Gaspar. Incumbiam-no também de examinar as vocações. Possuía olhos de águia, mesmo mostrando-se modesto. E parecia pedir desculpas por isso.

Um dia visita-o um jovem que queria, ser padre e padre nos Estigmas. Qual é a regra? A disciplina? A alimentação?

“Pelas perguntas, o senhor não é chamado por Deus para este lugar”, disse-lhe Padre Gaspar. Qual a alimentação daqueles padres, pobres de espírito e não só de espírito?

Muitos, que se tornaram párocos, também a conselho de Padre Gaspar, recorriam a ele, em todas as oportunidades para saber como se comportar. Pacientíssimo, Padre Gaspar, não obstante seus afazeres, seus discípulos, sua enfermidade, punha-se a ouvi-los, refletia, dava seu parecer. Era assediado pelos que desejavam orientações, quase como o santo Cura d’Ars pelos que o procuravam para confessar-se.

Futuro biógrafo de Padre Bertoni, Pe. Caetano Giacobbe tinha dele recebido conselhos: também escreveu por experiência própria.

Se estivesse entre nós

Um dia Padre Gaspar ajoelhou-se diante de um outro sacerdote e lhe pediu a bênção.

O outro sacerdote era Padre Caetano Giacobbe, pároco da Santíssima Trindade, a paróquia em cujo território se encontra os Estigmas.

Por que razão? Perguntou-lhe Giacobbe, que, mesmo sendo um bom padre, não tinha, porém, perfume de santidade como Padre Gaspar. Este não lhe deu explicações. Iniciou com Padre Caetano um colóquio impregnado de grande devoção.

Em outra ocasião, Padre Caetano perguntou-lhe como devia comportar-se com alguns paroquianos seus, obstinados em não observar as práticas religiosas.

Habitualmente Padre Gaspar tentava abster-se de dar conselhos, afirmando-se indigno de tanto, mas aquela vez respondeu: *“Quando se encontrar com eles leve o chapéu até os joelhos”*.

Padre Caetano admirou-se. Quem não se admiraria? *“Porque esta distinção imerecida?”*.

Retruca Padre Gaspar: *“Não seria bem empregado um ato de benévolo respeito, que custa pouco, quando por ele o senhor pode, ao menos, ter livre acesso ao leito de morte deles?”*.

Providência, realmente, a longo prazo; um pouco estranha, talvez; mas, não se pode qualificá-la assim se não se leva em consideração o que significa a morte para o bom cristão. O cristão fiel é um forte que não teme a sombria passagem da perda desta vida, sempre rapidíssima em relação à eternidade.

A morte como momento lúgubre vem da falta de esperança no além. No entanto, Padre Gaspar saudava a todos, bons e maus, amigos e inimigos. Desta forma, alguns destes últimos passaram a querer-lhe bem. Naturalmente, amava os santos de modo especial; por exemplo, além de Santo Inácio de Loiola, amava São Francisco de Assis e São Bento.

“Há 67 anos que visto este hábito seráfico”, disse Padre Emiliano de Erbé, dos capuchinhos, *“e estou sempre contente; por este motivo, agradeço, antes de*

tudo, a Deus, e depois ao venerável Bertoni, que com seu conselho me persuadiu” sobre a vocação a seguir.

Embora evitasse dar conselhos, em suas incertezas, eclesiásticos seculares e religiosos de todas as ordens, inclusive os jesuítas, a recorriam Padre Gaspar. Chamavam-no “*o anjo do conselho*”.

E não só eclesiásticos, mas também leigos, e leigos importantes. De Verona e de fora.

Neste ponto, percebemos que não conseguimos entrar no coração de Padre Bertoni. Com efeito, não atinamos com o motivo de semelhante atração. Tanto mais que ele tudo fazia para ocultar suas virtudes.

Em síntese, a santidade de Padre Bertoni está acima do que podemos descrever neste nosso esboço biográfico. O autor tem-se limitado demasiadamente à superfície dos fatos.

Relatamos que estava no caminho da santidade; que produzia obras admiráveis; vencida, com ânimo forte, a fraqueza física. Entretanto, dito isto, o que é que dissemos?

Porque motivo tantos amigos e conhecidos o estimavam e os inimigos se curvavam a sua veneração?

Não fosse ele muito humilde, eu diria que dominava espiritualmente Verona. Não era, realmente, ele a dominar: indicava invariavelmente o domínio de Deus, domínio sem limites, repassado de Providência.

Acode-nos o pensamento de que seria agradável ver hoje Padre Bertoni entre nós, frente a nossas dificuldades, dúvidas e contestações, ouvindo seus conselhos e orientações, que ele próprio não queria fossem reconhecidos como tais. Seria bom ouvi-lo falar no altar, brevemente com sua simplicidade ou longamente com sua sabedoria, substancialmente válida para todos os tempos.

A visita aos Estigmas era uma pequena romaria. Padre Gaspar estava lá para acolher a todos, não para dar sua mão a beijar. Na época, beijar a mão de padre era ato rotineiro. Padre Gaspar, porém, não o permitia a ninguém. Se, porventura, alguém a beijava, fazia-o com muita artimanha.

A fama de suas virtudes extraordinárias ia crescendo sempre, sem que ele realizasse prodígios vistosos (existem milagres imperceptíveis) ou de algum modo procurasse atrair a atenção.

De onde provinha a fama? De dentro de sua comunidade, das escolas, dos oratórios, das pessoas que auxiliava material ou espiritualmente, da atmosfera que o circundava.

Os caminhos da santidade são tantos. O de Padre Gaspar era quase indecifrável. No entanto, ao fim das contas, todos o notavam. “*Aqui se vem para aprender*”, dizia um magistrado a um senhor que o acompanhava.

Um advogado, a seu cliente: “*Que lhe parece: sempre o considerei teólogo erudito; mas, não um jurisconsulto tão profundo! Pena que um parecer de tamanha envergadura não possa ser posto por escrito! Além do mais, ele seria de glória para qualquer jurista capacitado*”.

Padre Gaspar emitia sua sentença e esquecia-se disso. Parecia, realmente, que a houvesse olvidado.

Quanto a um retrato seu, de que maneira persuadi-lo a deixar que o fizessem? Ninguém conseguia. Então, um advogado, Michelangelo Smania, recorreu à

astúcia. Visto que Padre Gaspar era míope, foi visitá-lo com um seu amigo pintor, o qual, depois dos cumprimentos, retirou-se a um canto como se quisesse ser discreto. De lá fez o esboço de sua figura e, depois, no estúdio a completou. Assim, e somente desta maneira os Estigmatinos tiveram uma pintura de seu fundador.

Sua mais preciosa qualidade era a de consolar os atribulados. Suas palavras eram balsâmicas. Sua voz, remédio por si mesma. Inúmeras pessoas experimentaram sua eficácia e se admiraram da entonação, caracteristicamente sua. Como não pensar nos anjos, naqueles momentos? Na verdade, esta comparação feriria a modestia de Padre Gaspar.

Anjo, ele, pobre padre, cuja boa vontade, quando a possuía, tinha sido inutilizada pelas doenças?

Era como se ele não se conhecesse absolutamente. Atribuía a Deus tudo o que realizava de bom e de belo.

Admirava-se, ficava estupefato diante da impressão que causava ao povo, diante das honras que este lhe prestava. Se tivesse escrito sua autobiografia, ter-se-ia descrito, não como o diabo, isto nunca, mas como um servo inútil.

Estamos sempre diante da humildade, virtude sem a qual não se faz nada de proveitoso, nem para os outros, nem para si mesmo.

A verdadeira humildade ignora a si mesma. Chega a interpretar-se como presunção e até como soberba. O contrário daquela soberba, que se veste com as cândidas plumagens da humildade e, no final das contas, não engana ninguém. Ou só a si própria.

Todos vão ter com um padre simples

Visitaram Padre Bertoni também grandes personalidades, entre as quais os imperadores Francisco I e Fernando I. Padre Bertoni sabia recebê-los, com as maneiras costumeiras da época, sem servilismo, com dignidade sacerdotal, a de que existem exemplos desde o tempo dos sacerdotes de Israel, que, aliás, constituíam uma classe venerada e temida.

Diante de Padre Gaspar, as maiores autoridades leigas, aparentemente fechadas em seu orgulho, sentiam-se submissas, a submissão incutida pelas virtudes, tão raras neste mundo, tão pouco praticadas.

É difícil penetrar no ânimo do visitante, porque os autores que descreveram aquelas cenas eram, geralmente, palacianos. É preciso refletir no conjunto das qualidades excepcionais do hóspede para começar a entender.

Na realidade, Padre Bertoni fazia pouca ou nenhuma diferença entre poderosos e fracos, entre ricos e pobres. Como é costume nos santos.

As primeiras palavras podem ser cumprimentos; mas depois, chegava-se à substância e a substância não era sempre agradável aos grandes; e os grandes quase se arrependiam de ter vindo. Enfim, se não estavam propriamente caleçados nos vícios, comoviam-se, de modo que a visita se lhes tornava proveitosa, ao menos, para o momento.

Atente-se para este trecho de carta de Padre Gaspar. Ele tinha recebido nos Estigmas uma condessa milanesa da família Settala, família muito nobre. *“Pela voz e pelo coração ela parece um chefe supremo do exército; pela dor que a traspassa*

em razão do filho falecido, mostra ser o que é: mãe enlutada. Deus quer acontecimento de toda sorte”.

Como se vê, não faltava argúcia a Padre Gaspar.

Estrangeiros estudiosos ficaram maravilhados com a sabedoria e discernimento daquele simples sacerdote. Diz Padre Camilo César Bresciani: *“Um padre que veste batina pobre. Aspecto venerando, cabelos brancos e desalinhados, sorriso espontâneo, rosto e olhar modestos, atitude cortês e gentil. Atrai o visitante, ao primeiro passo na soleira do quarto, com a afabilidade da recepção e com respeitoso cumprimento. Ao invés de se mostrar o dono da casa, se apresenta como servo. Ingênua suavidade, viva complacência por encontrar alguém e poder servir, com uma conversa agradável e simples, encanto nas palavras e maneiras santas; isso tudo empolga imediatamente se a visita é oficiosa, e entusiasmo se a finalidade é o aconselhamento. Bispo, cardeal, magistrado, general, rei, encontram a fina flor da cortesia e do respeito, porque encontram o santo”.*

“Entrem. Sadio, enfermo ou sofredor, ele está inteiramente à disposição. Ele e sua comunidade. Reitores de escolas, de colégios, de mosteiros, pregadores, legisladores, ou orientadores espirituais, funcionários da cúria, missionários, cônegos, nobres, magnatas, decorados com os mais pomposos aparatos: o piedoso solitário dos Estigmas, mesmo do leito em que jaz, comunica, a todos eles, a luz divina, a sabedoria dos conselhos, a santidade de consciência”.

“Parece o homem enviado por Deus para dar testemunho da verdade. Ele é o santo Antonio de nosso tempo”.

Durante longos anos, ele se dedicou à elaboração das regras ou constituições de seu instituto. Sempre orava a Deus que o inspirasse.

De acordo com o espírito jesuítico original, as regras eram rigorosas e mesmo severas. Padre Gaspar tendia igualmente a compromissos voluntários que não fossem absolutamente laxos e hesitava em redigi-los. Espírito de missionário. Missionário, com efeito, se pode e se deve ser em toda a parte; em toda a parte se deve testemunhar Cristo. Em nosso século existem muitas missões em antigos centros europeus de cristianismo.

Depois de haver passado anos em localidades ainda pagãs, os Estigmatinos voltam a suas paróquias de origem; depois, se ainda possuem forças, tornam a partir rumo a terras que esperam pela primeira evangelização.

Desta múltipla atividade Padre Gaspar possuía uma visão clara, muito pouco habitual naqueles tempos.

A Congregação foi dividida pelo fundador em diversas categorias: sacerdotes com votos solenes e, em primeiro lugar, missionários; sacerdotes com votos simples, colaboradores; leigos com votos simples ou irmãos.

“Como consequência, fluía espontaneamente o fato de que na redação de suas constituições específicas ele recorresse ao «modelo bom», que era, especificamente, a Companhia de Jesus”.

Um dos motivos que freou o desenvolvimento da Congregação dos Estigmas, sob o ponto de vista numérico, foi a humildade do fundador, o qual costumava dizer que se deve seguir a Deus e não precedê-lo. Por isso, ele nada fez para obter a aprovação canônica para o Instituto por ele fundado com tanta diligência. E isto dava a seus confrades a impressão de uma grave lacuna.

Desta forma, enquanto o Servo de Deus era vivo, seu Instituto permaneceu uma comunidade de caráter privado, entre os padres seculares, dedicados à observância religiosa: *“pedras já preparadas para a construção de alguma ordem”*.

É preciso agora acenar a um fenômeno singular. Afirmamos que a Congregação crescia pouco ou não crescia nada. Não dissemos ainda que a um certo ponto ela passou por uma crise durante a qual diminuiu, e diminuiu muito.

Eram poucos; hoje morria um, ontem um outro havia voltado para casa com uma desculpa referente ao ambiente que havia deixado. Depois, um outro ainda desertava abertamente. O número dos que ficavam reduzia-se. Padre Gaspar, doente, tinha a impressão de estar sozinho.

Como explicar? A boa semente havia caído em terreno estéril? Não era verdade; porém, alguns pensavam isso mesmo.

Entre as causas, além da grande quantidade de ordens e congregações, havia as calúnias de que era objeto o Instituto de Padre Bertoni.

“Eu teria vontade de rir das várias carapuças que nos põem - dizia o fundador - se os muitos e graves pensamentos e preocupações que me atazanam me deixassem algum fôlego e a oportunidade de me distrair com questões externas”.

Se muitos estavam a par das virtudes da Congregação, outros, em número maior, as ignoravam e as desprezavam. A Congregação dos Estigmas não tinha nada de vistoso, nada de brilhante e não chamava a atenção das pessoas mundanas.

Ficará sozinho?

Nosso personagem supera suas ações e palavras. Escapa, em grande parte, à pesquisa demasiada racional, como as modernas. Temos visto personalidades e autoridades de todo o gênero e categoria a visitá-lo com solicitude, ao invés de convidá-lo como hóspede. Isto produz admiração. Porque razão? Talvez, porque não podemos imaginar extraordinárias as virtudes interiores?

Não. Seríamos bastante superficiais. Nossa admiração tinha e tem como causa o fato de que tantos indivíduos, tão diferentes uns dos outros, não só imaginassem, mas, de certo modo, vissem as extraordinárias virtudes interiores de Padre Bertoni, sacerdote que (convém repetir), estava, amiúde, acamado e doente, incapaz de realizar aquilo que desejava. Viam as virtudes, viam a auréola.

É necessário, todavia, pensar na ênfase natural dos biógrafos e no estilo dos livros religiosos de então.

No caso de Padre Bertoni, porém, percebe-se a verdade para além da retórica; e a verdade é que ele era um homem de Deus, sem defeitos; ou, então, não conseguimos absolutamente notar os defeitos. Defeitos, dissemos, e não hábitos, vezos, tiques deselegantes.

As pessoas chegavam a Verona, cidade digna de ser visitada sob muitos aspectos, e perguntavam por Padre Bertoni; pediam informações sobre seu endereço e queriam ser recepcionadas por ele. Não só as pessoas renomadas por bondade ou religiosidade, mas também gente de má conduta, e até perversa.

Sempre que podia, Padre Bertoni acolhia a todos, tinha para com eles palavras apropriadas. A todos satisfazia, apesar de não ser um padre liberal. Tinha, porém, a arte de repreender sem ferir de modo algum. Era como se a princípio os repreendidos não reparassem na repreensão. Convém lembrar também que ele não

possuía nenhum título eclesiástico imponente e que era o mentor de uma congregação não aprovada oficialmente.

Era o sacerdote dos Estigmas, das cicatrizes que Jesus trazia de sua Paixão.

Por um motivo ou por outro, todos sentiam sua postura excepcional, ainda que esta não fosse exibida de maneira alguma, mas sim ocultada.

Sentiam-na, outrossim, além dos Alpes, donde importantes viajantes vinham visitá-lo, simplesmente com a finalidade de vê-lo.

Entre as desvantagens dos pecadores, inclui-se a de não poderem decifrar a alma dos santos. A alma do santo é transparente; o pecador é cego. Julga que enxerga, mas é cego, ou tem visão de alcance tão curto que dificilmente percebe sequer um vislumbre de santidade. Além disso, nossos tempos são totalmente opacos. Seja como for, a respeito dos santos formam uma idéia nova que ignoro até que ponto seja certa. Completamente errada não pode ser; ela tem realmente algo de verdadeiro e de bom. Veja-se, por exemplo, a veneração que se dedica ao Papa João XXIII e a Padre Pio.

E a respeito da idéia e do sentimento com relação à cruz que cada qual deve carregar com paciência, considerando-a não um castigo, mas uma prova do amor de Deus para com suas criaturas? Esta idéia e este sentimento, sinais da predileção divina, são pouco cultivados hoje, pois se procura, a todo custo, livrar-se de qualquer doença, mesmo leve - o que é natural - e evitar toda a privação material. Por quanto é possível, a alma é atraída de lá para cá, isto é, afasta-se do pensamento das provações e tende a reconstruir o paraíso terrestre.

Isto era verdadeiramente estranho a Padre Bertoni, cuja vida foi uma provação só, apesar de ele ser alguém que não necessitasse de provação. Voltemos a considerá-lo como doente, raramente isento de graves males, jamais completamente sadio. É um pensamento desagradável, sobre o qual não gostamos de nos demorar. Preferimos contemplar Padre Gaspar de pé, em movimento, trabalhando com disposição, de palavra fácil e impressionante; ou, ao menos, convalescente, próximo da cura. Por que razão Deus permitia que um seu servo tão sobrecarregado de ocupações fosse freqüentemente freado em suas ações? O lento progresso e o esvaziamento da Congregação não tinham como causa exatamente as enfermidades do fundador?

Era a cruz, eram as cruces. Ele dizia: *“Com efeito, que bem maior podeis desejar aos vossos verdadeiros amigos, do que as cruces? Realmente, não me podéis agradar melhor senão com elas. Não que eu tenha força de virtude para suportá-las, mas Deus me concede a graça de apreciá-las; e espero das vossas orações e da divina misericórdia a paciência unida aos sofrimentos”*.

Linguagem áspera, de sabor medieval para muitos cristãos modernos. Falando como falou, Padre Gaspar julgava dizer coisas normais. E eram normais, mas para as almas como a dele.

Em casa, os confrades faleciam; e ninguém, como ele, sabia prepará-los ao desenlace e às iminentes alegrias de além-túmulo. Tomavam os remédios com docilidade e também com esperança de cura - é humano -, mas a esperança de serem acolhidos, de braços abertos, por Deus era maior. Numa Congregação tão pequena, cada morte era mais do que uma simples perda.

O que mais causava sofrimento a Padre Gaspar eram as defecções, os vazios que se abriam em suas fileiras, amiúde, sem motivo. O vazio na oração comum, o

vazio na missa, o vazio à mesa. Tinha-se a impressão de que houvesse morrido mais alguém. Padre Gaspar ficava triste, de uma tristeza particular: aquela do pai após a fuga do filho pródigo. Voltaria? Buscaria novamente o pão das mãos paternas?

Entre as numerosas provações, esta não foi a menor. É necessária a verdadeira fé de fundador de Congregação para confortá-lo, induzi-lo a não se desesperar, levá-lo a prever que a Congregação não se acabaria, mas teria um futuro melhor do que simplesmente magnífico: pequeno e sólido.

Na escola do sofrimento

Na primavera de 1845 abriu-se um testamento e verificou-se que a Padre Bertoni era deixada uma boa soma em dinheiro: meio milhão de liras austríacas.

Padre Bertoni, literalmente, apavorou-se. Declarou logo que não queria nem um centavo. E escreveu como documento: *“Nós, abaixo assinados, de nossa livre e espontânea vontade, renunciemos a todos os direitos que nos competem e nos possam caber em força do testamento da última vontade do Reverendo Padre Francisco Cartolari, pessoa da nobreza. Renunciemos em favor de seu irmão e nobre Senhor Antônio Cartolari. Damos fé e nos subscrevemos, Gaspar Bertoni e (confrades) Miguel Ângelo Gramego, Caetano Brugnoli, Francisco Benciolini”*.

Depois mandou carta a Padre Bragato comunicando que Deus havia concedido a ele e a seus três companheiros a graça de *“jogar fora o lixo de Padre Cartolari e de conservar, ao invés, a herança de suas virtudes”*.

Grande admiração em quem conhecia Padre Bertoni e em todos os que ouviram seu nome pela primeira vez.

Ele já tinha rejeitado polpudas heranças; recusar legados era seu costume, em contraste com a avidez de outros padres e frades. Único motivo: amava a pobreza, amava-a deveras, amava-a não só com palavras. Pobre, ele, e pobres os seus companheiros. Não havia meio de convencê-lo a aceitar algo supérfluo. Do necessário, cultivava idéia muito rigorosa.

Não podia ter aceitado a herança e repartido-a com os pobres? Aliás, a intenção dos doadores era, realmente, esta: não visavam à pessoa de Padre Gaspar, mas os seus pobres. Começa-se por aí, parece-nos que ele pensava, e acaba-se por aproveitar um tanto do que foi recebido: os pretextos nunca faltam. Portanto, nada. Ao vencer toda a cobiça, os Estigmatinos concordaram, ainda que num segundo momento, com seu fundador.

Também hoje, apesar de mudados os tempos, não são ricos; continuam a ser um exemplo evangélico. Haverá exceções, que não conheço. Note-se o aspecto fundamental da declaração deles: *“Contentes com suas qualidades pessoais e com os direitos civis, como por muitos anos serviram até hoje gratuitamente à Igreja e à pátria, de acordo com suas possibilidades, sem pedir nem aceitar benefícios, e mesmo legados de pessoas piedosas, nem responsabilidades de missas perpétuas e cargos de capelães, permanecem irremovíveis neste costume, bastando para eles, a aprovação expressa de seus bispos e de seus concidadãos, além da manifesta complacência de Suas Majestades...”*.

Respeito para com todos, recusa cortês e constante das heranças e de outras doações.

Nisto, o mestre deles era, evidentemente, Padre Bertoni, sem o qual, visando à beneficência, eles teriam recolhido um pouco de dinheiro e de outros bens, justamente porque as outras comunidades religiosas não eram tão exigentes. O quarto de Pe. Bertoni assemelhava-se à gruta de um ermitão, tão desprovido se encontrava. Conforto único era estar de parede e meia com a capela, onde Padre Gaspar podia celebrar a missa ou participar da celebração.

Recebia a comunhão sempre, mas celebrava a missa raramente, desde que se lhe havia tornado impossível caminhar ou ficar de pé.

Quanto mais se estuda a vida deste sacerdote exemplar, tanto mais se percebe que ela é toda feita de privações e sacrifícios.

Se já o afirmamos, tornamos a repetir: não se compreende como conseguia desenvolver tanta atividade. Entre os exemplos que nos deixou, este é o maior, o mais misterioso: simples e especiais relacionamentos entre uma alma naturalmente sacerdotal e o Espírito Santo. Tudo, a partir de certo período da vida em diante, lhe causava dor. Um dia sem dor era, para ele, como um dia de sol num país de clima sombrio. Além disso, tal era sua fortaleza de alma que os visitantes e os hóspedes, falando ou tratando com ele, não chegavam a desconfiar de seu estado de saúde. Isto é fácil de se dizer, mas difícil de se praticar, principalmente para quem tenha sofrido longas e dolorosas enfermidades.

O corpo movia guerra a Padre Gaspar, mas saía sempre derrotado.

Na verdade, dentre as almas que irradiam santidade, a do fundador da Congregação dos Estigmas não era a menor.

“Durante o inverno, num quarto muito frio, era uma pena ver o pobre velho (pena para os outros) sentado numa cadeira, com as mãos protegidas por uma espécie de luva desgastada, por um manto de inverno, desbotado, remendado, velho, e tão apertado nos ombros que não podia fechar-se na frente; mais recebia do que impedir a sensação do frio”.

- “Vamos acender o fogo na lareira, padre?”.

- “Não”.

- “Vamos providenciar uma estufa?”.

- “Não”.

- “Então, vamos arrumar uma batina e um manto novos?”.

- “Absolutamente não”.

A ironia moderna pensa nos faquires. E erra na comparação. O faquir, ao fim das contas, tem bem pouco de religião; sofre para dar espetáculo. Os sacerdotes, como Padre Gaspar, têm os sofrimentos forrados de alegria, a alegria de sofrer a exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo, de merecer, com a graça de Deus, o paraíso; de expiar pelos outros, pelos pecadores, pelos gozadores da vida.

Dura lição - dir-se-á. Lição que, uma vez apreendida, não é possível deixar de ser vivida.

Aí está o problema: impossível, impossível. Tudo é possível a quem jamais se esquece da vida de Jesus Cristo, de um Deus feito homem que não tinha um travesseiro para apoio da cabeça e que morreu na cruz depois de suplícios cruéis.

Hoje muitos perguntam com tormento sincero: por que fiquei padre? Para que fim?

Para dar alegria aos outros e para guardar os sofrimentos para mim, teria respondido Padre Gaspar, sem hesitação.

Imaculada Conceição

A Congregação tinha algumas posses para viver; e era administrada pessoalmente, mesmo no sentido material, por Padre Gaspar, que em sua casa, ou pequeno convento, provia tudo, ainda que nunca tivesse visitado as propriedades. Homem de oração, de meditação, de pregação da palavra de Deus, de boas obras. Quando necessário era homem prático e adestrado na administração material. Hábil como uma daquelas pessoas a que se refere Jesus no Evangelho: pescadores, pastores, vinhateiros, pedreiros, e assim por diante.

Aliás, ele nada fazia sem antes haver rezado; e realizava muitas coisas rezando.

Chegou o ano de 1848, com a revolução mais ou menos difundida, até na Áustria, baluarte da restauração, e de um cristianismo discutível. Primeiras vítimas, os jesuítas, contra os quais desencadeou perseguição sistemática e feroz. Os inimigos exultavam; os poucos amigos calavam-se e tentavam socorrê-los às escondidas.

A irritação das turbas teria atingido também os Estigmatinos? Parece que sofreram importunações, como sacerdotes e como admiradores dos jesuítas; mas, as crônicas não revelam pormenores. Por outro lado, os Estigmatinos eram poucos; nem faziam política, mas apenas o bem.

A bem da verdade, para Padre Bertoni, o pecado da revolução era um pecado muito grave; em determinada circunstância, seu trabalho foi o de jogar água na ferverura, ser moderador. Graças a ele, em Verona não aconteceram excessos, ou aconteceram em menor escala do que em outras cidades. As idéias de Padre Bertoni podiam ser conservadoras; mas seu coração era imparcial na bondade. Apesar disso, alguns padres dos Estigmas foram presos e encarcerados, não pelos Piemonteses, mas pelos austríacos, tanta era a confusão na época.

Como de costume, Padre Bertoni sofreu por si e pelos outros. Teve que apelar para o bispo, a fim de solicitar sua interferência na libertação de seus padres.

Outra benemerência de Padre Bertoni foi a de fazer que seus padres assistissem os condenados à morte, que foram muitos. Ele mesmo tinha-se prestado a essa atividade nos anos anteriores com toda a profusão da caridade, com a flor da benevolência, com sincera compaixão. Ser assistido por Padre Gaspar era uma verdadeira consolação. É fácil dizer isso, mas a verdade é que ele possuía o segredo de tão árdua obra de misericórdia. Levou diversos condenados à morte a quase se esquecerem de sua atroz condição, a elevarem os pensamentos a Deus e, nesse extremo e deplorável momento, a implorarem a salvação da alma.

Para alcançar semelhante êxito, é preciso colocar-se na situação do condenado, compreendê-lo em todo e por tudo, ajudá-o a suportar a cruz.

Esteve sempre unido, em o pensamento, ao Papa Pio IX: desde as aclamações da multidão ao início da guerra até à fuga para Gaeta. Sua dedicação ao vigário de Cristo foi ilimitada. O que o Papa fazia estava bem feito. Neste ponto Padre Gaspar não tinha dúvida alguma: ele sempre se pôs a favor do Papa, seja antes, seja depois de Gaeta. A história do Ressurgimento não o colocaria entre os heróis; enquanto que a história da Igreja pode muito bem lhe reservar honrosa posição. Padre Bertoni não tinha culpa do conflito entre Igreja e Estado. Certamente não tinha atizado o fogo, homem de caridade e bondade que era.

Em sua devoção, entrava, antecipando-se aos tempos, a fé na Imaculada Conceição de Maria, dogma mais tarde proclamado por Pio IX.

É raro, e mesmo impossível que um bom sacerdote não tenha uma especial veneração a Maria Santíssima. Entre os padres católicos, que não têm família própria, Maria é sempre mais amada e honrada. Se, chegam a sobreviver aos pais, irmãos e irmãs, pode-se dizer que lhes resta somente Nossa Senhora como representante de sua família. Todavia, que compensação! Nos meados do século passado a veneração a Maria foi um problema dogmático e, nos inícios deste século, uma explosão de amor para com a Mãe de Deus. Pio IX resolveu o problema do dogma e deu a mais ampla satisfação aos anelos dos povos.

Padre Gaspar estava preparado para se rejubilar com o acontecimento, que tinha seus opositores também entre os eclesiásticos. Esse júbilo seria um bálsamo para sua saúde.

“Que alegria teria sido a sua - escreve um seu biógrafo - se tivesse vivido até aquele dia, em que o Mestre infalível ergueu definitivamente a voz em honra de Maria para conforto das almas fiéis!”.

De olhos abertos ele havia sonhado com aquele dia. Tinha-o previsto na imaginação, na certeza de que haveria de chegar. Para muitos, a veneração especial a Nossa Senhora é um mero ornamento da doutrina cristã, um ornamento bom para o povo. Mas, para quem estudou a doutrina católica profundamente, como Padre Gaspar, a veneração a Maria Santíssima acha-se estreitamente ligada ao mistério da redenção, o qual, considerado em suas relações diretas e imediatas com os homens, é o mistério dos mistérios.

Basta pronunciar “Mãe de Deus”, expressão de significado profundo, para se imergir nas trevas luminosas da noite de Natal, do nascimento de Jesus Cristo, do Filho de Deus, e para se elevar até a Santíssima Trindade. Sem Maria Santíssima não existiria cristianismo, pois o cristianismo tem início com a anunciação do anjo Gabriel a Maria, moça pobre e simples.

Afirmar que Padre Gaspar acreditava em tudo isto é dizer pouco. Conforme vimos, ele acreditava mais do que, então, era obrigatório crer. Era inspirado, era doutrinado precocemente. Estava, como poucos, no caminho certo.

Lamentava que existissem católicos, inclusive insignes doutores, que se opunham a um dogma por eles considerado supérfluo, claramente pitoresco, quase inconveniente. Era esta uma de suas mais provadas amarguras. Estudava com o fito de refutar, fraternalmente, os adversários da Imaculada Conceição. Pedia a Deus que o iluminasse. Parecia-lhe que, negando a Imaculada Conceição, se negasse uma grande virtude da Mãe comum. Mais forte do que a amargura era, contudo, a esperança. A esperança e a confiança.

Seus últimos anos foram impregnados desta amargura, desta esperança, desta confiança.

A morte

Chegamos aos últimos meses de vida de Pe. Gaspar. Já não sai da cama. Corria o ano de 1850. Como considerava sua enfermidade? “*A escola que Deus se digna oferecer-me*”.

Definição de grau heróico. Todavia, ele desejava guardar suas dores unicamente para si; nem sequer parecer doente; comportar-se em tudo e por tudo como os outros. Somente os santos, igualmente heróis, podem ter desejos semelhantes.

Além disso, dizia Padre Gaspar: “*A enfermidade é a prova do homem*”. Obedecia plenamente aos médicos; não lhes formulava perguntas; atinha-se integralmente às prescrições, agradecia-os comovido. Os médicos diziam que nunca tinham encontrado um enfermo semelhante. Se outros lhe descreviam suas doenças e os sofrimentos, ouvia atentamente, exprimia ao interlocutor seu pesar, não fazia nem externa, nem interna comparação. Agia como que esquecido de seus males, A impressão dos visitantes era sempre a de que ele houvesse acordado, há pouco tempo, de um sono restaurador e repousasse de olhos abertos. Homens, como Padre Gaspar, teriam uma segunda natureza, para suprir as fraquezas da primeira? Ou algo parecido? É como que uma roupagem de tolerância e serenidade, capaz de esconder a dor. “*Aquela atitude que, por si, não mostrava nada de singular ou extraordinário em toda a enfermidade; que não se abria em exclamações peregrinas, em sentenças sapienciais; aquele silêncio da voz e compostura de todo o corpo, no meio das dores; aquelas orações, que murmurava à flor dos lábios, mal perceptíveis a quem quer que fosse, eram era fruto e indício do santo propósito de guardar sua vida íntima longe dos olhares dos homens, e exatamente como quer o Apóstolo «escondida em Cristo em Deus»*”. Assim se exprime Pe. Giacobbe.

Seu enfermeiro mais afetuoso, Ir. Luís Ferrari, às vezes, deixava escapar elogios ao venerando paciente. Aliás, dizer “*paciente*” é dizer pouco. Pe. Gaspar reagia, colhido quase que por uma santa ira: “*Não, não, por favor, não diga isso. Sou um pobre, um miserável pecador. Orem todos a Deus por mim. Orem muito, muito mesmo, para Ele use de misericórdia comigo*”.

Nos momentos mais dolorosos recorria a seu dialeto: “*De´, Signor, de´ che gavi rason; de´ che me ´l mérito, e mérito de pèso*”. (Ah! Senhor! Tendes razão; eu mereço tudo isto, e mereço mesmo). Queria que o irmão incumbido de assisti-lo no quarto fosse dormir. Não se ocupasse com suas “*impertinências*”. Comia cada vez menos; não se podia compreender como ainda vivesse. Alimentava-se de ar? Seus confrades desvelavam-se por encontrar um alimento que não lhe fosse repugnante. Aspargos? Por pouco tempo. Morangos? Duas ou três vezes. Um sorvete? Às vezes, sim, às vezes, não. Depois, não mais, definitivamente.

Só a mente estava lúcida e sadia. Nas condições em que se encontrava, continuava ainda a dirigir a comunidade, ainda que isto possa parecer impossível. E a dirigia, exceto nos momentos mais angustiantes. Ninguém pensava em substituí-lo para que pudesse sarar ou melhorar. Não havia, pois, quem se preparasse para assumir o governo dos Estigmas: um santo, um candidato, um venerável que ambicionasse colocar-se em seu lugar?

O último dia de vida de Padre Gaspar foi 12 de junho de 1853. Ele preparou-se com grande fervor para a comunhão, lutando violentamente contra a sonolência

de que estava possuído. Desta forma, conseguiu receber o pão eucarístico; e para ele, evidentemente, brilhou um raio de consolação.

Os confrades ainda mantinham esperanças; mas logo após tinham de reconhecer que o fundador ia apagando-se. A sombra da morte já estava sobre ele. Seria necessário o médico para confirmar tais condições? O próprio médico viu em Padre Gaspar sinais de fim iminente.

“Padre, o senhor precisa de alguma coisa?”, perguntou-lhe o irmão enfermeiro. “Preciso sofrer” foi a resposta de seu último desejo.

Pelo meio-dia entrou em coma. Pouco depois voltou a si e esforçou-se por sorrir aos que o circundavam; mas, a seguir, recaiu em completo torpor; mais um pouco e de nova tornou a si. Encontrou, ainda, forças para confessar-se. Foi-lhe ministrada a unção dos enfermos. Não pronunciou palavra, mas estava lúcido. Recebeu a bênção papal à morte iminente. Depois das quinze horas, Padre Marani, que havia saído por um instante, retorna ao quarto de Padre Gaspar e inclina-se sobre ele. Recita as orações do ritual. Em certo ponto, curva-se novamente e diz: “*Não perceberam que Padre Gaspar morreu?*”. Com efeito, expirara tão suavemente que ninguém se dera conta.

Tinha setenta e cinco anos, oito meses e três dias.

Pe. Caetano Giacobbe anotou no livro paroquial de óbitos a morte do servo de Deus: um cristão “*repleto de virtudes e de merecimentos*”. O luto de Verona foi doído e sincero. Morreu um santo! Morreu um santo! Diziam todos. Muitos quiseram ir visitar e venerar seus despojos. Não faltou quem interpretasse como milagre o aparecimento do arco-íris depois de um período de chuvas contínuas.

Padre Giacobbe, levado pelo intenso desejo de representá-lo vivo de alguma forma, descreveu-o como tendo uma fisionomia séria, majestosa, e naturalmente recolhida, fronte ampla, olhos vivazes, voz profunda e robusta, temperança unida à gentileza, grande senso de delicadeza, temperamento fogoso e, em nada, atenuado por aparente impassibilidade. “*Por cooperar com os dons da graça pela benignidade de Deus para com ele, Padre Gaspar tinha-se amoldado a todos os temperamentos. Não se podia encaixá-lo em nenhum deles, porque por nenhum se deixava dominar, e todos lhe eram submissos e obedientes*”.

Treze de junho foi o dia do enterro. Dia de santo Antônio de Pádua, no qual se realizava uma solene procissão.

Dos Estigmas o corpo de Padre Gaspar foi transportado à igreja paroquial, de tarde, acompanhado por uma multidão com velas e tochas acesas.

Contudo, para que o féretro fosse sepultado nos Estigmas foram necessários muitos processos burocráticos, seguidos de despacho negativo das autoridades. Por fim, quando já se chegava ao limite do desânimo, foi obtida a permissão. Não era justo que Padre Gaspar repousasse em sua casa?

Grossos volumes respondem que sim, e dizem o porquê.

Este opúsculo tem por fim, unicamente, convidar os fiéis a aproximar-se espiritualmente de um homem de Deus, que ainda não é declarado santo oficialmente, como tantos outros. Não existem santos como tantos outros. É uma homenagem a Padre Gaspar na terra e no céu.